



Um rosário para a paz na Síria

No Angelus da Assunção o Papa abençoou a iniciativa da fundação Ajuda à Igreja que sofre

Seis mil rosários, destinados às comunidades cristãs da Síria, por iniciativa da Fundação Pontifícia Ajuda à Igreja que Sofre (Ais), foram benzedidos pelo Papa no final do Angelus recitado com os fiéis na praça de São Pedro ao meio-dia de 15 de agosto, solenidade da Assunção da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Depois de comentar o Evangelho do dia, centrado no *Magnificat*, o Pontífice encorajou a iniciativa ecuménica da Ais, chamando ao seu lado o presidente executivo internacional Thomas Heine-Geldern e benzedendo os rosários. «As irmãs Carmelitas fizeram-nos em Belém», explicou o Papa, anunciando que serão distribuídos «como sinal» da sua «proximidade, especialmente às famílias que perderam alguém por causa da guerra».

A entrega dos rosários nas paróquias do país do Médio Oriente terá lugar a 15 de setembro, por ocasião da festa das Sete Dores da Santíssima Virgem Maria. «A oração feita com fé é poderosa! Continuemos a rezar o terço pela paz no Médio Oriente e no mundo inteiro», exortou o Papa, que pouco antes recebera uma delegação da Ais em Santa Marta para promover a campanha



com o slogan «Consola o meu povo».

No final da recitação do Angelus, o Papa expressou também a sua solidariedade «para com os povos de vários países do sul da Ásia, duramente atingidos pelas chuvas das

monções. Rezo – garantiu – pelas vítimas e pelos deslocados, por todas as famílias desabrigadas. Que o Senhor conceda força a eles e a todos os que os socorrem». Francisco dirigiu também uma saudação a quantos se reuniram em Czešto-

chowa, na Polónia, para celebrar a Assunção e comemorar o centenário do restabelecimento das relações diplomáticas com a Santa Sé, exortando-os a «rezar por toda a Igreja».

Carta por ocasião da chegada do «Barco Papa Francisco» a Belém do Pará Igreja como hospital sobre as águas

Por ocasião da chegada a Belém do Pará, a 17 de agosto, do Barco Hospital Papa Francisco, foi divulgada a carta que o Pontífice enviou a quantos apoiam esta atividade médica ao serviço das populações indígenas da Amazônia. Inaugurada em julho e tendo partido do porto de Óbidos – por iniciativa do ordinário local, D. Bernardo Bahlmann, e dos franciscanos da Providência, que gerem o hospital do Rio de Janeiro, visitado pelo Papa em 2013 – a embarcação hospitalar serve as populações fluviais que vivem ao longo de uma extensão de 1.000 km do Rio Amazonas.



Queridos irmãos e irmãs!

É com grande satisfação que me uno a vocês neste momento de alegria e ação de graças a Deus pela inauguração do *Barco Hospital Papa Francisco* que levará a Palavra de Deus e oferecerá acesso a uma saúde melhor para as populações mais carentes, sobretudo os povos indígenas e ribeirinhos, que vivem ao longo de uma extensão de 1.000 quilómetros do Rio Amazonas.

Para além de ser um belo gesto concreto em vista do Sínodo dos Bispos para a Amazônia, que terá lugar no próximo mês de outubro, aqui em Roma, este hospital fluvial é acima de tudo uma resposta ao mandato do Senhor, que continua a enviar os seus discípulos a anunciar o Reino de Deus e a curar os doentes (cf. *Lc* 9, 2). De fato, Jesus oferece aos homens uma vida em abundância (cf. *Jó* 10, 10). E promover esta vida – que, na Amazônia, «se reflete em sua abundante biodiversidade e em suas culturas

NESTE NÚMERO

Pág. 2: Angelus de 18 de agosto; *Pág. 3:* Audiência geral de quarta-feira, 7 de agosto; *Pág. 4:* Instituído em Macau o Colégio Redemptoris Mater para a Ásia; Entrevista ao cardeal Fernando Filoni, por Paolo Affatato; *Pág. 5:* Encontro de Francisco com cinco mil escuteiros da Europa; *Pág. 6:* Oitenta anos de exegese bíblica na América Latina, por Marcelo Figueroa; *Pág. 7:* Entrevista do Papa a «La Stampa – Vatican Insider»; *Págs. 8-10:* Entrevista ao filósofo italiano Massimo Cacciari, por Andrea Monda; *Pág. 11:* Prece mariana de 11 de agosto; *Pág. 12:* Não mel mas sal da terra, sobre a carta do Papa aos presbíteros, por Andrea Monda; *Pág. 13:* O alfabeto do Evangelho, por Luigi Maria Epicoco; «Amicitia exulans», num diálogo de Teodoro Pródromo, por Lucio Coco; *Pág. 14:* A Igreja na Amazônia e o desenvolvimento humano integral, por Michael Czerny; *Pág. 15:* Informações; Quirógrafo papal para a renovação dos estatutos do Instituto para as obras de religião (Ior).

ANGELUS

Meditação mariana de domingo 18 de agosto

A caridade aberta a todos supera divisões e particularismos

O testemunho do Evangelho supera «todas as divisões entre os indivíduos, as categorias sociais, os povos e as nações», «conservando a caridade aberta a todos», disse o Pontífice no Angelus recitado ao meio-dia de domingo, 18 de agosto, com os fiéis reunidos na praça de São Pedro.

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Na página do Evangelho de hoje (cf. *Lc 12, 49-53*), Jesus adverte os seus discípulos de que chegou o momento de tomar uma decisão. A sua vinda ao mundo coincide com o tempo das escolhas decisivas: a opção pelo Evangelho não pode ser adiada. E para que esta chamada seja compreendida melhor, ele serve-se da imagem do fogo que ele mesmo veio trazer à terra. Ele diz: «Eu vim lançar fogo sobre a terra; e como gostaria que ele já se tivesse ateado!» (v. 49). Estas palavras pretendem ajudar os discípulos a abandonar toda atitude de

preguiça, apatia, indiferença e fechamento para acolher o fogo do amor de Deus, aquele amor que, como recorda São Paulo, «foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo» (*Rm 5, 5*). Porque é o Espírito Santo que nos faz amar a Deus e amar o próximo; é o Espírito Santo que todos nós temos dentro de nós.

Jesus revela aos seus amigos, e também a nós, o seu desejo mais ardente: levar à terra o fogo do amor do Pai, que acende a vida e pelo qual o homem é salvo. Jesus chama-nos a espalhar este fogo no mundo, graças ao qual seremos reconhecidos como seus verdadeiros discípulos. O fogo do amor, aceso por Cristo no mundo através do Espírito Santo, é um fogo sem limites, é um fogo universal. É o que se verifica desde os primeiros tempos do cristianismo: o testemunho do Evangelho difundiu-se como um fogo benéfico, superando todas as divisões entre indivíduos,



categorias sociais, povos e nações. O testemunho do Evangelho queima, queima todas as formas de particularismo e mantém a caridade aberta a todos, com a preferência pelos mais pobres e pelos excluídos.

A adesão ao fogo do amor que Jesus trouxe à terra envolve toda a nossa existência e requer adoração a Deus e também a disponibilidade para servir o próximo. Adoração a Deus e disponibilidade para servir o próximo. A primeira, adorar a Deus, significa também aprender a oração de adoração, que normalmente esquecemos. É por isso que convidado todos a descobrir a beleza da oração de adoração e a praticá-la com frequência. E depois a segunda, a disponibilidade para servir os outros: penso com admiração em muitas comunidades e grupos de jovens que, mesmo durante o verão, se dedicam a este serviço aos doentes, aos pobres, às pessoas com deficiência. Para viver segundo o espírito do Evangelho é necessário que, diante das necessidades sempre novas que surgem no mundo, haja discípulos de Cristo que saibam responder com novas iniciativas de caridade. Por isso, com a adoração a Deus e o serviço ao próximo – juntos, adorando Deus e servindo o próximo – o Evangelho manifesta-se verdadeiramente como o fogo que salva, que transforma o mundo a partir da mudança do coração de cada um.

Nesta perspectiva, compreendemos também a outra afirmação de Jesus no trecho evangélico de hoje, que à primeira vista pode desconcertar: «Pensas que vim trazer paz à terra? Não, eu vos digo, mas divisão» (*Lc 12, 51*). Ele veio para «separar com o fogo». Separar o quê? O bem do mal, o justo do injusto. Neste sentido ele veio para «dividir», para pôr em «crise» –

mas de forma saudável – a vida dos seus discípulos, pondo fim às ilusões fáceis daqueles que acreditam que podem combinar vida cristã e mundanidade, vida cristã e compromissos de todos os tipos, práticas religiosas e atitudes contra os outros. Combinar, pensam alguns, a verdadeira religiosidade com práticas supersticiosas: muitos que se consideram cristãos vão ao adivinho ou à adivinha para que lhes leiam as mãos! E isto é superstição, não é de Deus. Trata-se de não viver de forma hipócrita, mas de estar disposto a pagar o preço de escolhas coerentes – é esta a atitude que cada um de nós deve procurar na vida: a coerência – pagar o preço da coerência com o Evangelho. Coerência com o Evangelho. Porque é bom *considerar-nos* cristãos, mas sobretudo devemos *ser* cristãos em situações concretas, testemunhando o Evangelho que é essencialmente amor a Deus e aos irmãos.

Maria Santíssima nos ajude a deixar-nos purificar o coração com o fogo que Jesus trouxe, a difundir-lo na nossa vida, através de escolhas decisivas e corajosas.

O Papa despediu-se dos fiéis presentes na praça com as seguintes palavras.

Estimados irmãos e irmãs!

Saúdo cordialmente todos vós, os fiéis romanos e os peregrinos vindos da Itália e de vários países.

Em particular, saúdo o grupo «Amor Divino», do Canadá; os escoteiros de Rio de Loba, Portugal; e os fiéis polacos.

Desejo a todos um feliz domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

Igreja como hospital sobre as águas

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

(...) uma vida plena e íntegra, uma vida que canta, um hino à vida, como o canto dos rios» (Sínodo para a Amazônia, *Instrumentum laboris*, 11) – será a missão primordial do *Barco Hospital Papa Francisco*, em conformidade com aquilo que os povos indígenas amazônicos definem o “bem viver”, ou seja, «viver em harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o Ser supremo» (*ibid.*, n. 12).

Neste sentido, se a Igreja, como já disse em outras ocasiões, está chamada a ser um «hospital de campo», acolhendo a todos, sem distinções ou condições, com esta iniciativa. Ela se apresenta agora também como um «hospital sobre as águas». E, do mesmo modo como Jesus, ao aparecer caminhando sobre as águas,

acalmou a tempestade e fortaleceu a fé dos discípulos (cf. *Mt 14, 22-33*), este barco levará tanto o conforto espiritual como a calma para as agitações dos homens e mulheres carentes, abandonados à própria sorte.

Agradeço a Dom Bernardo Bahlmann, Bispo de Óbidos e aos Franciscanos da Providência por este belo sinal de fé e solidariedade cristã e, ao colocar os médicos, voluntários, benfeitores e sobretudo as pessoas que serão atendidas pelo Barco Hospital aos pés de Nossa Senhora de Nazaré, a todos de coração envio a Bênção Apostólica, pedindo também que, por favor, não deixeis de rezar por mim e pelos bons frutos do próximo Sínodo para a Amazônia.

Vaticano, 10 de agosto de 2019

FRANCISCO

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum. Non proceabunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

ANDREA MONDA
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 38,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: € 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +39069899480; fax +39069885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 0052123042036, e-mail: sac@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

CATEQUESE

Uma Igreja que olha para os descartados da sociedade

Pontes de solidariedade em vez de barreiras

Na primeira audiência geral depois do período de descanso de verão, quarta-feira 7 de agosto, na sala Paulo VI, o Papa Francisco retomou as catequeses sobre os Atos dos Apóstolos, meditando acerca da primeira narração de cura contida neste livro neotestamentário (cf. At 3, 6). A fé no «Nome que salva o homem: Jesus Cristo, o Nazareno» – afirmou – descreve o «retrato da Igreja» que «vê quantos estão em dificuldade, não fecha os olhos» e «sabe estender a mão e acompanhar para levantar».

Bom dia, amados irmãos e irmãs!

Nos Atos dos Apóstolos, a pregação do Evangelho não é confiada unicamente às palavras, mas também a gestos concretos, que dão testemunho da verdade do anúncio. Trata-se de «prodígios e milagres» (At 2, 43) realizados pelos Apóstolos, confirmando a sua palavra e demonstrando que eles agem em nome de Cristo. Acontece, pois, que os Apóstolos intercedem e Cristo atua, agindo «com eles» e confirmando a Palavra com os sinais que a acompanham (cf. Mc 16, 20). Muitos prodígios, numerosos milagres que, realizados pelos Apóstolos, eram precisamente uma manifestação da divindade de Jesus.

Hoje deparamo-nos com a primeira narração de cura, diante de um milagre, que é a primeira narração de cura do Livro dos Atos. Ela tem uma clara *finalidade missionária*, que visa suscitar a fé. Pedro e João vão rezar no Templo, centro da experiência de fé de Israel, à qual os primeiros cristãos ainda estão fortemente ligados. Os primeiros cristãos rezavam no Templo de Jerusalém. Lucas indica a hora: é a hora nona, ou seja, três da tarde, quando o sacrifício era oferecido em holocausto, como sinal da comunhão do povo com o seu Deus; e também a hora em que Cristo morreu, imolando-se a si mesmo «uma vez para sempre» (Hb 9, 12; 10, 10). E à porta do Templo chamada «Formosa» – a porta Formosa – veem um mendigo, um parálico de nascença. Por que razão aquele homem estava à porta? Porque a Lei mosaica (cf. Lv 21, 18) impedia a oferta de sacrifícios por parte de quem tivesse deficiências físicas, consideradas como consequências de alguma culpa. Recordemos que diante de um cego de nascença, o povo tinha perguntado a Jesus: «Quem foi que pecou para que este homem nascesse cego, ele ou os seus pais?» (Jo 9, 2). De acordo com essa mentalidade, existe sempre uma culpa na origem

de uma malformação. E em seguida foi-lhes negado até o acesso ao Templo. O coxo, paradigma dos numerosos excluídos e descartados da sociedade, está ali a pedir esmolas como todos os dias. Não pode entrar, mas está diante da porta. E eis que acontece algo inesperado: chegam Pedro e João, e desencadeia-se um jogo de olhares. O aleijado fita os dois para pedir uma esmola; os Apóstolos, ao contrário, olham para ele, convidando-o a *fitá-los de maneira diversa, para receber outro dom*. O coxo olha para eles e Pedro diz-lhe: «Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e caminha!» (At 3, 6). Os Apóstolos estabeleceram uma relação, porque este é o modo como Deus gosta de se manifestar, *na relação*, sempre no diálogo, sempre nas aparições, sempre com a inspiração do coração: trata-se de relações de Deus conosco; através de um encontro real entre as pessoas, que só pode verificar-se no amor.

Além de ser o centro religioso, o Templo era inclusive um lugar de intercâmbios económicos e financeiros: a esta redução opuseram-se várias vezes os profetas e até o próprio Jesus (cf. Lc 19, 45-46). Mas quantas vezes penso nisto, quando vejo alguma paróquia onde se considera que o dinheiro é mais importante que os sacramentos! Por favor! Igreja pobre: peçamos isto



ao Senhor! Quando se depara com os Apóstolos, aquele mendigo não recebe dinheiro, mas encontra o *Nome que salva o homem: Jesus Cristo, o Nazareno*. Pedro invoca o Nome de Jesus, ordena ao parálico que se levante, que se ponha da posição dos vivos: de pé, e toca aquele doente, ou seja, pega-lhe pela mão e levanta-o, gesto no qual São João Crisóstomo vê «uma imagem da Ressurreição» (*Homilias sobre os Atos dos Apóstolos*, 8). E aqui aparece o retrato da Igreja, que vê quantos estão em dificuldade, não fecha os olhos, sabe encarar a humanidade para criar relações significativas, pontes de amizade e de solidariedade em vez de barreiras. Manifesta-se o rosto de «uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos» (*Evangelii gaudium*, 210), que sabe dar a mão e acompanhar para levantar, não para condenar. Jesus estende sempre a mão, sempre procura levantar, fazer com que as pessoas sejam, sejam felizes, encontrem Deus. Trata-se da «arte do acompanhamento», que se distingue pela delicadeza com a qual nos aproximamos da «terra sagrada do outro», dando ao caminho «o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã» (*ibid.*, n. 169). E é o que estes dois Apóstolos fazem ao coxo: fitam-no, dizem «olhe para nós», estendem-lhe a

mão, fazem-no levantar e curam-no. Assim faz Jesus com todos nós. Pensemos nisto, quando enfrentarmos maus momentos, situações de pecado e de tristeza. Jesus diz-nos: «Olhai para mim: estou aqui!». Peçamos na mão de Jesus e deixemo-nos levantar.

Pedro e João ensinam-nos a não confiar nos meios, que também são úteis, mas na verdadeira riqueza que é a relação com o Ressuscitado. Com efeito – como diria São Paulo – «somos julgados pobres, porém enriquecemos a muitos; sem posses, nós que tudo possuímos» (2 Cor 6, 10). O nosso tudo é o Evangelho, que manifesta o poder do Nome de Jesus que realiza prodígios.

E nós, cada um de nós, o que possuímos? Qual é a nossa riqueza, qual é o nosso tesouro? Como podemos enriquecer os outros? Peçamos ao Pai o dom de uma memória grata, recordando os benefícios do seu amor na nossa vida, para dar a todos o testemunho do louvor e da gratidão. Não nos esqueçamos: a mão sempre estendida para ajudar o outro a levantar-se; é a mão de Jesus que, através da nossa, ajuda o próximo a erguer-se!

No final da audiência geral, o Pontífice saudou os grupos de fiéis presentes na sala Paulo VI, proferindo entre outras as seguintes palavras.

Com grande afeto, saúdo os peregrinos de língua portuguesa, em particular o grupo de escuteiros de Paranhos e os fiéis da paróquia de Rio Tinto, com votos de que possais, vós todos, dar-vos sempre conta do dom maravilhoso que é a vida. Vele sobre o vosso caminho a Virgem Maria e vos ajude a ser sinal de confiança e esperança no meio dos vossos irmãos. Sobre vós e vossas famílias desça a Bênção de Deus.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados.



Matteo Ricci e Xu Guangqi
numa gravura de Athanasius Kircher (1670)

Instituído em Macau pela Congregação para a evangelização dos povos

O Colégio Redemptoris Mater para a Ásia

A Congregação para a evangelização dos povos instituiu oficialmente o Colégio Redemptoris Mater para a Evangelização na Ásia, com sede em Macau, confiando a sua gestão ao Caminho neocatecumenal. O Colégio foi criado com decreto assinado pelo cardeal Fernando Filoni, prefeito da Propaganda Fide, a 29 de junho passado, depois da audiência com o Papa Francisco. O "Colégio Redemptoris Mater para a Ásia" abrirá as suas portas em setembro, com um primeiro grupo de estudantes provenientes de diferentes países.

A iniciativa pretende responder ao apelo de João Paulo II que, na carta encíclica *Redemptoris missio*, indicou o continente asiático como âmbito territorial, para o qual a missão *ad gentes* se deve dirigir principalmente (cf. n. 37), e também ao desejo do Papa Francisco que, na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, convida a Igreja a "sair" para anunciar sempre o Evangelho. Como se lê no estatuto, o colégio depende diretamente da Congregação para a evangelização dos povos, manterá contactos com o bispo local e poderá ter secções noutras lugares ou países. Com efeito, trata-se de «um seminário maior da Igreja, uma comunidade educativa que goza de personalidade jurídica canónica e deverá obter personalidade ju-

ridica segundo as leis do país» no qual foi instituído.

A finalidade do colégio é preparar os futuros sacerdotes para a evangelização na Ásia, acompanhando-os e educando-os «para a vida de oração e para as virtudes teológicas e cardeais, com um sério empenho nos estudos filosóficos e teológicos e com uma ação itinerante de evangelização».

Os presbíteros formados neste instituto «podem ser enviados, segundo o juízo do prefeito da Congregação para a evangelização dos povos, às dioceses requerentes», aos diversos territórios e nações asiáticas, de acordo com as necessidades pastorais de quem os solicita. «Nesta missão de evangelização – afirma-se – os sacerdotes poderão ser coadjuvados por famílias inteiras, formadas no Caminho neocatecumenal, dispostas também elas a ser enviadas».

A formação no colégio configura-se segundo as indicações do magistério da Igreja, enquanto o processo de formação dos seminaristas inclui a participação direta e pessoal no Caminho neocatecumenal. Além disso, em conformidade com a identidade específica do colégio, o estudo proposto terá uma «conotação própria a nível de missionariedade»: «Os alunos – lê-se no estatuto – são



ajudados a evidenciar a dimensão missionária inerente aos vários temas da teologia, de modo que, também a nível intelectual, se tornem aptos e prontos para se integrar na missão universal confiada por Cristo aos apóstolos». O colégio foi dedicado, em particular, a dois padroeiros: Maria, Mãe do Redentor, e São José, Guardião da Sagrada Família de Nazaré. Além disso, «a memória dos santos das Igrejas da Ásia será celebrada com particular solenidade».

Desejo de ser Igreja em saída

Entrevista ao cardeal Fernando Filoni

PAOLO AFFATATO

O novo Colégio Redemptoris Mater é «fruto da criatividade apostólica que olha para a evangelização naquele continente e expressa o desejo de descentralização da Congregação da Propaganda Fide», explicou o cardeal Fernando Filoni, prefeito da Congregação para a evangelização dos povos, numa entrevista publicada pela agência Fides. O cardeal recordou que na história da missão da Igreja «foram escolhidas muitas formas e métodos para o anúncio do Evangelho na Ásia: o compromisso histórico das grandes ordens religiosas como jesuítas, dominicanos e franciscanos; a atividade de muitos institutos missionários específicos; o envio de sacerdotes *fidei donum* ou a colaboração missionária interdiocesana; as formas de cooperação missionária entre as Igrejas de algumas nações ou metrópoles. Agora o Espírito Santo sugere uma nova forma, que experimentaremos».

Eminência, quais foram os motivos que levaram a Congregação a ocupar-se da abertura do novo colégio?

Queríamos responder ao convite de João Paulo II que, no início do novo milénio, disse que a Ásia seria o vasto continente a ser evangelizado. É um continente muito complexo, berço de grandes religiões e de sensibilidades culturais muito marcantes. O anúncio do Evangelho na

Ásia precisa de características próprias, como um profundo conhecimento dos diferentes contextos e línguas. Porém, a consciência de tal complexidade não dispensa os cristãos de tornar viva e presente a boa notícia. O Evangelho é para todos: como Cristo no-lo confiou, assim o anunciamos hoje. A Congregação da Propaganda Fide, também a pedido do Caminho neocatecumenal, quis refletir sobre o modo de fazer sua esta chamada à evangelização na Ásia. Gostaria de recordar que a

ideia de fundar o Colégio Urbano em 1627, por parte do Papa Urbano VIII, foi uma precursora: a intenção era trazer a Roma, para uma adequada formação teológica e espiritual, os jovens de vários continentes para que, adquirindo uma boa preparação, pudessem contribuir para a evangelização nos seus territórios de origem. O Colégio Urbano existe ainda hoje e é ativo desde há quatro séculos. O Papa Francisco retomou a intuição de João Paulo II, observando que a Igreja é chamada a "sair",

a abrir-se e não a fechar-se em si mesma. Por isso, pensamos que muitas instituições católicas, inclusive as encarregadas da formação e da educação, podem ter a própria sede nos vários continentes, trabalhando a favor da descentralização. Com este espírito quisemos criar na Ásia um colégio para a formação de sacerdotes destinados ao próprio continente.

Pode explicar por que razão foi confiado ao Caminho neocatecumenal e por que Macau foi escolhida como sede?

O Caminho neocatecumenal pôs à disposição da Congregação da Propaganda Fide, que tem a responsabilidade jurídica direta pelo colégio, a sua experiência de muitos anos na formação de futuros sacerdotes para a missão na Ásia. Assim nasceu o novo Colégio Redemptoris Mater, cuja especificidade é formar sacerdotes missionários que terão a peito a evangelização nos territórios da Ásia. Macau representou historicamente a "porta" ou uma ponte para a missão da Igreja no Oriente. Nos séculos passados foi um lugar de atração cultural e religiosa, como território governado pela coroa portuguesa. A sua importância como centro promotor de evangelização no Extremo Oriente é bem conhecida. Missionários extraordinários como Matteo Ricci, Alexandre Valignano, Francisco Xavier e muitos outros evangeli-



No encontro com cinco mil escuteiros o Papa convidou as novas gerações a entrar em ação com generosidade

Jovens a caminho para forjar o espírito europeu

Caros amigos, bom dia e bem-vindos!

Agradeço ao Cardeal Angelo Bagnasco as suas palavras e a todos vós por estardes aqui, e também porque percorrestes um longo caminho para chegar aqui! Percorrestes uma longa estrada. Sentis um pouco de cansaço, certamente. De uma coisa tenho a certeza: que interiormente vos sentis mais livres do que antes. Estou certo disto. Mas, o que isto nos diz? Que a liberdade se conquista a caminho, não se compra no supermercado. Conquista-se a caminho. A liberdade não chega se estivermos fechados num quarto com o telemóvel nem se superarmos um pouco os limites para escapar da realidade. Não, a liberdade vem a caminho, passo a passo, em companhia dos outros, nunca sós.

No vosso caminho, fizestes cinco etapas, cinco encontros com grandes santos que percorreram a Europa em diferentes épocas: Paulo de Tarso, Bento de Núrsia, Cirilo e Metódio, Francisco de Assis e Catarina de Sena. Estas figuras, estes santos, o que tinham em comum? Não esperaram nada da vida nem dos outros, mas confiaram em Deus e arriscaram, puseram-se em questão, a caminho para realizar sonhos tão grandes que, depois de séculos, fazem bem também a nós, a vós e a todos. Eles deram a vida, não a guardaram para si mesmos. Por isso, depois destes cinco encontros, gostaria de vos deixar cinco palavras. Participastes em cinco reuniões, gostaria de vos deixar cinco palavras. Não minhas, mas do Evangelho que vos acompanhou no trajeto e que vos convidou a ter sempre convosco, como o vosso navegador – o Evangelho é o verdadeiro navegador para o caminho da vida – e a abri-lo todos os dias, porque o Evangelho é o mapa da vida. Eis as cinco palavras de Jesus, palavras fáceis de recordar: «Dai e vos será dado» (Lc 6, 38). Cinco palavras, mas uma só mensagem, um programa de vida. Palavras simples, que traçam uma rota clara. *Dai e vos será dado*.

Antes de tudo, *dai*. Hoje pensa-se imediatamente em ter. Muitos vivem com o único propósito de possuir o que agrada. Mas nunca estão satisfeitos, porque quando têm uma coisa, querem outra, depois outra e assim por diante, sem fim. Não há saciedade no ter. Quanto mais se tem mais se quer, aumenta o desejo de ter, sem encontrar o que faz bem ao coração. O coração não se exercita com a posse, mas com o dom. O ter incha o coração, tornando-o pesado, mundano. O dom torna-o leve. É um treinamento diário. Por isso, Jesus estabelece como ponto de partida não o ter, mas o dar: *dai*, isto é,

«Para Deus é precioso», recordou o Papa Francisco na manhã de 3 de agosto, a todos os jovens e, em particular, aos cinco mil escuteiros da *Union internationale des guides et scouts d'Europe – Federation du scoutisme européen*, que vieram a Roma por ocasião do encontro «*Euro moot 2019*». Na primeira audiência realizada depois do descanso de verão, o Pontífice, na sala Paulo VI, recorreu à metáfora do «caminho» para reiterar o seu convite às novas gerações a fim de que sejam «construtoras de sociedades reconciliadas e integradas», dando «vida a uma Europa renovada: não protetora de espaços, mas geradora de encontros».

começai a pôr em jogo a vossa vida! Dar significa levantar-se da poltrona, dos confortos que fazem fechar-se em si mesmo, e pôr-se a caminho. Dar significa deixar de subir na vida e entrar em campo para oferecer ao mundo um pouco de bem. Por favor, não deixeis a vida na mesinha de cabeceira, não vos contenteis com vê-la na televisão, não penseis que será o próximo aplicativo para baixar que vos fará felizes. «Os sonhos mais belos conquistam-se com esperança, paciência e determinação, re-

Quando parece que Ele está a tirar algo, é apenas para abrir espaço dar-te mais e melhor, para te fazer avançar no caminho. Liberta-te das falsas promessas de consumo para te tornares livre dentro. Jesus faz-te feliz dentro, não fora. Jesus não faz maquiagem, não: Ele põe a realidade dentro de ti, tornando-te bonito dentro! Não fora. Dá-te o que ninguém te pode dar; porque o último *smartphone*, o carro mais veloz ou a roupa mais na moda, além de nunca serem suficientes, jamais te darão a



nunciando à pressa» (Exort. apost. pós-sinodal *Christus vivit*, 142). Deus acompanha-vos neste caminho e aposta em vós, para dardes o melhor de vós. O desejo de possuir tem ainda outro aspeto: a alienação. Perdes a tua originalidade e tornas-te uma fotocópia. Mas Deus criou cada um original, com o seu próprio nome. Não façamos uma fotocópia da nossa originalidade – como dizia Carlo Acutis, com 16 anos. Hoje, quantos jovens infelizmente são uma fotocópia, perderam a sua originalidade e copiam a identidade de qualquer outra originalidade. Dizes: “Ok, dou o melhor de mim mesmo, mas há tanta indiferença por aí, muitos pensam apenas em si mesmos. Talvez eu seja ingénuo, perdendo com isto, e com o dar torno-me um ingénuo do qual todos riem?”. Gostaria de vos dizer: confiai em Jesus. Confiai em Jesus. Depois de ter dito *dai*, Ele acrescentou: *e vos será dado*. Deus é Pai e dar-vos-á mais do que imaginais. Deus não nos deixa de mãos vazias.

alegria de te sentires amado nem a alegria de amar. A verdadeira alegria consiste em sentir-se amado e amar.

Então, a primeira coisa é dar. É o segredo da vida. Sabes porquê? Porque a vida é uma realidade especial: “Quero possuir a vida, possuir a minha vida. Como devo fazer?”. A vida só se possui doando-a, dando-a. Só assim possuirás a tua vida! Mas poderias dizer: “Mesmo se dou o melhor de mim, a realidade não muda para melhor”. Não é verdade. Sabes porquê? Porque tu és único. Porque ninguém no mundo pode dar ao mundo o que tu és chamado a dar. Certa vez alguém perguntou a Madre Teresa de Calcutá: “Mas a senhora faz tantas coisas pelos pobres, pelos moribundos... Muitas coisas boas... Mas o que significa isto num mundo tão pagão, tão ateu, tão mau, com tantas guerras?”. E ela respondeu: “Mais uma gota no mar. Se eu não a der, ninguém a dará”. Ninguém pode dar o que eu, único, posso dar. Ninguém no mundo po-

de dar o que tu és chamado a dar! Cada um de vós é único e – por favor nunca vos esqueçais disto – é precioso aos olhos de Deus. Para a Igreja sois preciosos, para mim sois preciosos. Gostaria de dizer a cada um de vós: para mim és precioso. Para Deus és precioso. Seria bom que o dissésseis de coração cada vez que vos encontrásseis, a cada um de vós, de coração: “És precioso, és precioso...”. Este é o dom. O convite de Jesus *dai e vos será dado* é válido inclusive em relação aos outros. Gosto de pensar naquilo que na gíria escuteira chamais *Partida*, ou seja, no momento em que escolheis fazer do serviço o vosso estilo de vida. Abrir-se ao outro, viver para o bem do outro, viver – usando as vossas palavras – a *fraternidade escuteira*: se viverdes assim, *ser-vos-á dado*. Sim, porque se construídes pontes rumo aos outros vereis que os outros atravessarão aquelas pontes na vossa direção. Ao contrário, quando se fica sozinho olhando para o ar, perdendo-se nas próprias fantasias, vive-se em bolhas de sabão. Mas uma vida que vagueia pelo ar evapora em vez de seguir em frente. Olhai para as vossas mãos, feitas para construir, servir, doar para dar aos outros e dizei a vós mesmos: “*I care*, o outro diz-me respeito”.

Dai e vos será dado também se aplica à criação. Se continuarmos a explorá-la, ela dar-nos-á uma terrível lição. Já estamos a ver. Se cuidarmos bem dela, teremos uma casa também no futuro. Durante o vosso caminho mergulhastes na natureza. Lindo! Já reparastes que a criação não tem fronteiras? Ela não tem fronteiras: é de todos e para todos. Plantas, florestas, animais crescem sem fronteiras, sem alfândegas. A criação é um livro aberto que nos oferece um ensinamento precioso: estamos no mundo para nos encontrarmos com os outros, para criar comunhão, pois estamos todos interligados. A criação é feita para nos conectar com Deus e entre nós, é a *rede social de Deus*. Mas se tivermos preconceitos sobre os outros, ideias preestabelecidas, veremos sempre limites e barreiras. Se, pelo contrário, começarmos a encontrar o outro, com a sua história, com a sua realidade, descobriremos um irmão com quem viver na casa comum, habitar numa criação sem fronteiras.

Queridos amigos, caminhastes até aqui seguindo o lema *Parate viam Domini*. Encorajo-vos a preparar o caminho do Senhor onde quer que estejais. O caminho do Senhor é fácil de reconhecer: é aquele que tem como sentido de marcha o dom, que faz avançar o mundo; não a posse, que faz retroceder. Não vos esque-

A Palavra e o povo

Oitenta anos de exegese bíblica na América Latina

MARCELO FIGUEROA

O octogésimo aniversário da «Revista Bíblica» foi o evento que motivou o Congresso internacional de estudos bíblicos realizado em Buenos Aires de 16 a 19 de julho. Naqueles dias, inspirando-se no texto bíblico «Recorda-te de todo esse caminho que o Senhor, teu Deus, te fez percorrer» (Dt 8, 2), e no lema “Exegese na América Latina 80 anos depois”, 427 congressistas de 27 países reuniram-se para debater sobre o tema. Particpei em parte do encontro em representação de «L'Osservatore Romano» e pude constatar a qualidade acadêmica dos relatores, tanto das dezenas de conferências como dos cerca de trinta seminários temáticos. Foi particularmente profícuo poder participar na riqueza dos debates informais compartilhados entre muitos biblistas que alcançaram amplamente o objetivo preestabelecido de recuperar e prolongar a tradição bíblica da América Latina na sua recepção criativa.

O discurso de boas-vindas foi proferido pelo reitor da Universidade católica argentina, Miguel Ángel Schiavone, que destacou a importância do estudo bíblico como leitura comprometida e atualizada da transformação da realidade. Depois, o presidente da Associação bíblica argentina, Eleutério R. Ruiz, convidou a reler o caminho do Senhor, nosso Deus, que fez com que nos uníssemos e aceitássemos o desafio de olhar para a frente, elaborando projetos e sonhos cada vez maiores.

Pablo Pastrone apresentou a figura de Juan Straubinger como pionie-

ro do movimento bíblico argentino. A ciência bíblica e a sua experiência pastoral enriqueceram os estudos bíblicos a partir da sua terra natal, a Alemanha, e da sua primeira missão na Argentina, em Jujuy, como pároco de São Pedro e na diocese de La Plata. Em seguida, monsenhor Luis H. Rivas percorreu a história da «Revista Bíblica» desde a sua fundação até aos dias de hoje, ilustrando em quatro fases os processos que a enriqueceram. Evidenciou, a partir do trabalho de Straubinger, a tarefa de vários diretores como Rivera, Levoratti e Croatto, e o impacto que a revista sempre causou na atividade bíblica nas nossas comunidades.

Num segundo momento, Valmor da Silva, ao apresentar o trabalho feito pelos pioneiros no Brasil, subdividiu-o em quatro etapas históricas: colônia, império, república e ditadura. Por sua vez, Luis Liberti re-

conheceu o trabalho realizado na Argentina pelos pioneiros, mas também por simples animadores e professores, através de grupos bíblicos que compuseram uma sinfonia a partir de diferentes perspectivas. Falando dos pioneiros da exegese nos países andinos, nas Américas Central e do Norte, Leif Vaage apresentou o movimento bíblico andino não a partir de uma obra de exegese, mas de uma carta bíblica, centrando o seu pronunciamento no reconhecimento de Gustavo Gutiérrez e da teologia da libertação, destacando o trabalho realizado por Hélder Câmara.

No segundo dia, em seis conferências, foram debatidos os «temas e textos preferidos e os negligenciados na produção exegética latino-americana». José Ramírez Kidd apresentou o *Éxodo* como uma inversão simbólica: «complexidade das utopias».



Desejo de ser Igreja em saída

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

zadores entraram por essa “porta” para a missão na Ásia. É suficiente pensar que em 1576, assim que foi erigida, a diocese de Macau se estendia, pelo menos no papel e durante algum tempo, até à China, ao Japão, ao Vietname hodierno e ao arquipélago da Malásia, como era chamado. Macau tornou-se um grande centro de formação e de propulsão missionária. Recordando esta história, perguntámos ao bispo local, D. Stephen Lee Bun-sang, se estava disposto a hospedar o novo colégio e ele, depois de ter consultado os sacerdotes da diocese, confirmou o assentimento. Mas, embora tendo sede em Macau, o colégio não depende do bispo local: as nomeações e a autoridade permanecem uma prerrogativa direta da Propaganda Fide que, segundo o Concílio Vaticano II, tem a tarefa de promover a evangelização no mundo. Foi um primeiro passo: do ponto de vista da descentralização, pode-se observar que não é impossível que, um dia, outros colégios do género, promovidos pela Congregação, nasçam noutros continen-

tes. Deve-se notar que a nossa Congregação já tem a responsabilidade pelo Colégio Urbano, que em Roma acolhe 170 estudantes da Ásia e da África. E há outros seminários no mundo ligados à Propaganda Fide, como o seminário das vigararias apostólicas na Colômbia ou diversos seminários interdiocesanos em várias nações. Hoje, o novo colégio em Macau é o resultado de uma iniciativa e modalidade missionária especiais, que o Papa Francisco encorajou e aprovou. Note-se, portanto, que os futuros sacerdotes se tornarão uma preciosa ajuda pastoral para as Igrejas locais: de facto, não pertencem a uma determinada fraternidade apostólica nem a um instituto religioso, mas, no final do seu caminho de formação, serão incardinados nas diversas dioceses de destino, segundo as necessidades e os pedidos dos bispos asiáticos. E a partir de agora poderão estudar as línguas e culturas locais dos países para os quais, de acordo com as autoridades do colégio, forem destinados ao serviço pastoral e apostólico.

Quais são os seus votos e esperanças para a vida deste novo colégio?

Estamos felizes por promover uma instituição com novas características, que corresponde ao desejo e à visão missionária do Papa Francisco, que é ponto de fundação e de qualificação do seu pontificado. Pretendemos responder ao apelo de Cristo a anunciar o Evangelho até aos confins da terra. Na história da missão da Igreja, foram escolhidas muitas formas e métodos para o anúncio do Evangelho na Ásia: o compromisso histórico das grandes ordens religiosas como jesuítas, dominicanos e franciscanos; a atividade de muitos institutos missionários específicos; o envio de sacerdotes *fidei donum* ou a colaboração missionária interdiocesana; as formas de cooperação missionária entre as Igrejas de algumas nações ou entre metrópoles. Agora o Espírito Santo sugere uma nova forma, fruto da criatividade apostólica, que experimentaremos. Coloquemos esta obra nas mãos de Maria, Mãe do Redentor, e a São José, Guardião da Sagrada Família de Nazaré. E peçamos a intercessão dos santos e dos mártires que deram as suas vidas pela difusão do Evangelho na Ásia.

De facto, a história do *Éxodo* lida a partir da América Latina nos últimos quarenta anos marcou o compromisso, o sonho, a vida e o canto da nossa reflexão. As diferentes visões da memória cultural, a relação entre narrativa e ética, o *éxodo* e a migração foram particularmente valorizadas. O biblista protestante Néstor Míguez fez um pronunciamento sobre «Hermenêutica latino-americana dos Evangelhos», traçando uma linha histórica do desenvolvimento da interpretação dos Evangelhos desde a época da conquista, enfatizando a estreita relação entre ciência e arte.

As Igrejas evangélicas foram as primeiras a introduzir métodos históricos críticos, por volta de 1920. Nos meados do século XX começaram a surgir diferentes abordagens hermenêuticas. Entre os exegetas, destacam-se Ernesto Cardenal, Severino Criatto, Carlos Mesters e Jon Sobrino. A precoce interpretação dos Evangelhos acompanhou os estudos teológicos, especialmente da cristologia.

“Métodos e abordagens cultivadas na América Latina; diversidade e interdisciplinaridade” foi o tema tratado no terceiro dia do Congresso com uma conferência e uma mesa redonda. A conferência foi realizada por Ralf Huning sobre o tema “Leitura popular da Bíblia”. A partir dos seus mais de vinte anos de experiência em pastoral bíblica e reflexão sobre a teoria da leitura bíblica, ele apresentou o trabalho de Carlos Mesters como o arquétipo científico ao serviço de uma leitura popular da Bíblia. A ciência bíblica é uma atividade que produz conhecimento científico com orientação para a vida. Na leitura popular da Bíblia, o aspeto comunitário como eixo essencial e a abordagem do texto como espelho da vida são as chaves fundamentais: aqui as pessoas têm como que um “sexto sentido” ao ler o texto, compreendendo-o para além da fé que professam.

Também fomos convidados a refletir sobre a “Perspetiva da exegese na América Latina”, em duas fases. O primeiro trabalho foi realizado através de uma mesa redonda sobre o tema “Desafios para o futuro da exegese na América Latina”, na qual participaram Raúl Lugo Rodríguez, Jaldemir Vitório, Santiago Guíjarro Porto e, como interlocutor externo, Rafael Francisco Luciani Rivero. Entre os desafios da exegese no nosso continente que emergiram da mesa redonda, os mais importantes foram relacionados à necessidade de incluir as minorias no trabalho de interpretação e à urgência de aprofundar as definições epistemológicas de exegese e hermenêutica bíblica na América Latina.

Um dos momentos mais significativos desta primeira fase foi a projeção da entrevista a Carlos Mesters, demonstrando que ele compartilha o seu estudo da Bíblia e o seu contacto com a Palavra de Deus e com o povo latino-americano, juntamente com o processo que a leitura popular da Bíblia viveu no nosso continente.



Os povos indígenas, com a sua variedade de línguas, culturas, tradições e conhecimentos ancestrais, recordam-nos que todos somos responsáveis pelo cuidado da criação que Deus nos confiou. #IndigenousPeoplesDay

(@Pontifex_pt)

A Europa salva-se com o diálogo

Entrevista do Papa a «La Stampa – Vatican Insider»

A Europa? «É preciso salvá-la», não se deve perder o «património» de unidade que nasceu do «sonho dos pais fundadores». É o futuro da Europa, ponto de partida da entrevista concedida pelo Papa Francisco a Domenico Agasso, vaticanista de «La Stampa» e coordenador do «Vatican Insider», publicada na sexta-feira, 9 de agosto, no diário de Turim. Um debate vivo durante o qual o Pontífice abordou também questões como a globalização, o fenómeno migratório mundial, mas também o próximo Sínodo sobre a Amazônia e a preocupação deriva das alterações climáticas com os consequentes riscos para a saúde e a sobrevivência do planeta.

Segundo o Papa, o «diálogo» é o principal desafio a enfrentar no continente europeu. Analisando as perspectivas que se abrem depois das recentes eleições, a análise de Francisco vai diretamente ao cerne da questão, à urgência mais imediata: «A Europa não pode nem deve dissolver-se. É uma unidade histórica e cultural, bem como uma unidade geográfica». Naturalmente, acrescenta, «enfraqueceu-se ao longo dos anos, também por causa de alguns problemas de administração, desacordos internos. Mas é

preciso salvá-la!». A nomeação de Ursula von der Leyen como Presidente da Comissão Europeia («As mulheres têm a capacidade de irmanar, de unir») oferece imediatamente um caminho, o do «diálogo». Um diálogo onde prevaleça o mecanismo mental «primeiro a Europa, depois cada um de nós». Acima de tudo, um diálogo que não pode prescindir da dimensão da «escuta»: na União europeia, explica, «devemos falar uns com os outros, confrontar-nos, conhecer-nos. Às vezes, ao contrário, só vemos monólogos de interesses de parte».

A este propósito, o Pontífice recorda que o ponto de partida são os «valores humanos» e os «valores cristãos», porque «a Europa tem raízes humanas e cristãs, é a história que o narra». E quando digo isto, não separo católicos, ortodoxos e protestantes». O ponto de partida, acrescenta, deve ser a consciência da própria «identidade». Uma identidade que, longe de ser motivo de fechamento, «é uma riqueza – cultural, nacional, histórica, artística – e cada país tem a própria, mas deve ser integrada no diálogo». Isto é decisivo: a partir da própria identidade é necessário abrir-se ao diálogo para receber al-

go maior da identidade dos outros». O problema, explica ele, são os exageros pelos quais nos fechamos na nossa identidade.

É neste ponto que se insere a questão muito actual da soberania e do populismo: «A soberania – responde Francisco ao interlocutor – é uma atitude de isolamento», e acrescenta: «A soberania é fechamento. Um país deve ser soberano, mas não fechado. A soberania deve ser defendida, mas as relações com outros países, com a Comunidade europeia, também devem ser protegidas e promovidas. A soberania é um exagero que acaba sempre mal: leva às guerras». E o mesmo argumento, diz ele, se aplica aos «populismos» que se devem distinguir em relação à valorização da cultura do povo: «Uma coisa é que o povo se expressa, outra é impor a atitude populista ao povo. O povo é soberano (tem uma maneira de pensar, de se expressar, de sentir, de avaliar), mas os populismos levam-nos à soberania: esse sufixo, “ismos”, nunca é bom».

Cada consideração reconduz à importância de ter um olhar mais amplo: porque «o todo é superior à parte. Globalização, a unidade não deve ser concebida como uma esfera – diz ele, retomando uma imagem que lhe é querida – mas como um poliedro: cada povo conserva a sua própria identidade em unidade com os outros».

Uma ideia à qual a dolorosa questão da gestão dos fluxos migratórios não é alheia. «Antes de mais nada – diz o Papa – nunca se deve negligenciar o direito mais importante de todos: o direito à vida» e recordar as condições de guerra e de fome de onde provêm as pessoas que fogem do Médio Oriente e da África. E citou os «quatro verbos da hospitalidade»: «receber», «acompanhar», «promover» e «integrar». Acrescentando que, ao mesmo tempo, «os governos devem pensar e agir com prudência», porque «aqueles que administram são chamados a pensar em quantos migrantes podem ser acolhidos». Também aqui, sublinha Francisco, a possível solução é oferecida pelo «diálogo», entre países que podem confrontar as diferentes necessidades e também incrementar a sua ação, com uma boa dose de «criatividade»: «Disseram-me – afirma Francisco – que num país europeu há cidades semi-

vazias devido à diminuição demográfica: poderiam ser transferidas para elas algumas comunidades de migrantes, que entre outras coisas poderiam reavivar a economia da região».

Um diálogo que também pode apoiar o confronto com outro grande tema que preocupa o Papa, o da mudança climática e das suas consequências. Um tema que não pode deixar de ser abordado durante o próximo Sínodo sobre a Amazônia. Um Sínodo, diz o Papa, «“filho” da *Laudato si’*» que, enfatiza, «não é uma encíclica verde, é uma encíclica social, baseada numa realidade “verde”, o cuidado da Criação». Francisco afirma que está transtornado com o facto de que em 29 de julho passado, o chamado *Overshoot Day*, a humanidade tenha «esgotado todos os recursos regenerativos de 2019. Desde 30 de julho, começamos a consumir mais recursos do que o planeta pode regenerar num ano. É muito grave!». E isso, considerando também o derretimento das geleiras, os incêndios na Sibéria, o aumento descontrolado dos resíduos plásticos. Estamos, reitera, diante de uma «situação de emergência mundial» e, também por isso, o Sínodo sobre a Amazônia será um «Sínodo urgente» porque, embora tenha em primeiro lugar uma «dimensão missionária e evangelizadora», se concentrará «num lugar representativo e decisivo» que, juntamente com os oceanos, «contribui de maneira determinante para a sobrevivência do planeta». É um território ameaçado por «interesses económicos e políticos nos setores dominantes da sociedade», no qual a política deve «eliminar a sua convivência e corrupção» e «assumir responsabilidades concretas».

E diante do grave risco, para o planeta, do «desaparecimento da biodiversidade», da propagação de novas doenças, da «deriva e devastação da natureza que pode levar à morte da humanidade», o Papa confia às novas gerações a importância de uma consciência decidida e decisiva que leve cada pessoa, a partir da conduta quotidiana, a opor-se a este fenómeno. Além disso, afirma ele, citando o empenho dos movimentos de jovens ecologistas, «vi um cartaz deles que me impressionou: “Nós somos o futuro!”».

Jovens a caminho para forjar o espírito europeu

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

çais: a posse é assim. O dar é diferente. A posse faz-te retroceder. O dar faz-te seguir em frente. Ao escolherdes o caminho do dom, tornais-vos *cidadãos ativos*, como dizia o vosso fundador Baden Powell. É tão importante hoje: o Senhor não procura apenas pessoas boas – não só estas – mas Ele procura pessoas que pratiquem o bem! Também o amor pela Europa, que vos une, exige não só observadores atentos, mas também construtores ativos: construtores de sociedades reconciliadas e integradas que deem vida a uma Europa renovada; não protetora dos espaços, mas geradora de encontros. A Europa tem necessidade de se encontrar. Vós, *rovers e guias* de toda a Europa, tendes esta tarefa histórica. Com o

vosso caminho e os vossos sonhos, já estais a forjar o espírito europeu. O distintivo de todos os escuteiros é um lírio. É o símbolo que indica o norte nas bússolas e nas antigas cartas náuticas. Lembrai-vos que o escutismo tem como objetivo formar homens e mulheres que abram caminhos para o Alto e mantenham o rumo certo, do bem. Não vos esqueçais: dai sempre, assim, para a frente; não com o desejo de possuir que vos leva para trás. “Dai e vos será dado”. Será a dádiva que preencherá o vosso desejo. Faça votos, queridos *guias e rovers* da Europa, que sejais pioneiros no caminho do dom, pioneiros neste caminho do dom, do dar. *Dai e vos será dado*. Agradeço-vos, peço-vos que rezeis por mim e desejo-vos um bom caminho!

«O ruído de Europa», Tiziano (1560-1562)



Uma Europa velha e estéril precisa do fertilizante da Igreja

Entrevista ao filósofo italiano Massimo Cacciari

ANDREA MONDA

A mudança de época da qual fala o Papa Francisco é tal que encontrou o Ocidente despreparado. Este é o ponto de partida para a reflexão de Massimo Cacciari, que retoma a sugestão de Giuseppe De Rita sobre as duas autoridades, civil e espiritual, e concentra-se na primeira, "que está cheia de lacunas". Encontramo-nos numa quente tarde de julho; chegou a pé e foi embora a pé, uma espécie de João Batista inquieto, sempre pronto a inflamar-se com uma santa ira que não poupa ninguém.

Qual é o elemento mais preocupante da crise atual?

O problema é que a parte laica, civil, é precisamente aquela que tem falhas, devido a uma série complexa de causas. As grandes culturas que formaram a Europa depois da guerra e que deram consistência à política italiana revelaram-se incapazes de compreender e moldar a nova era. São coisas que aconteceram na história, quando um mundo acaba. O mundo do pós-guerra terminou com a queda do muro, o fim do império socialista, as mudanças globais nos equilíbrios econômicos e políticos, o nascimento da nova China e o arranque da Índia. Estamos perante uma nova era, como a que marca o fim da *polis* grega, como a que marca o final do Império romano. Os bárbaros que aparecem, as pessoas cuja língua não compreendem, e as grandes famílias culturais e políticas europeias, que são essencialmente social-democratas, cristão-populares e liberais, não entendem a situação, continuam a agarrar-se a certos valores e juízos, que se tornaram preconceitos, considerando a mudança da situação. Isto é particularmente válido para as culturas liberais e social-democratas: as primeiras tornam-se puramente conservadoras, enquanto a social-democracia se apega a um modelo de Estado social e à ideia de igualdade que já não conse-

componentes essenciais que deram origem à União europeia entram num cone de sombra totalmente subordinado aos modelos neoliberalis; o euro também nasce neste clima: o mercado, a livre concorrência... já não existe o pilar da solidariedade, da subsidiariedade, pontos fundamentais para a cultura de um Sturzo, de um De Gasperi. Faltam todos estes pilares. Resta a busca frenética do que se presume que sejam as novas formas de poder. E quando, com a crise, faltam as possibilidades de promover ulteriormente "destinos magníficos e progressistas", estas forças desmoronam.

O cenário que o senhor está a ilustrar não é dos melhores...

Eu sei, mas no meu discurso não há nada de nostálgico. O problema não é que faltam certos valores, mas que esta Europa está velha, talvez decrepita, e não se pode pedir a um velho que não tenha medo, que seja corajoso. Então a questão é: dispomos do material para reescrever um discurso político, para reformar uma elite política na Itália, na Europa? Porque estes nacionalismos, soberanismo, nada mais são do que o efeito da desintegração das culturas anteriores, que não acompanham a transformação. São um sinal de que a Europa está velha, de que já não produz, de que é um terreno estéril; portanto, é necessário encontrar novos fertilizantes. E eu penso, como não-crente (mas é daqui que nasce a minha atenção ao mundo católico) que talvez o fertilizante possa derivar exatamente da própria Igreja: discutindo, dialogando, debatendo, polemizando... E o mundo católico que pode ser sinal de contradição, que pode

colocar novamente algo em movimento. Se não for dela, de onde poderá vir? Certamente, as franjas social-democratas também podem tentar um discurso sobre questões económicas, sociais... mas é dela que pode vir o maior impulso.

E no entanto hoje este mundo católico parece silencioso ou, o que talvez seja pior, dividido no seu interior...

O senhor tem razão. Um exemplo muito trivial, visto de fora. Eu estava deveras convencido de que a ostentação do crucifixo, do rosário em comícios, custaria caro em termos de consenso. Pensei que era impossível que a blasfêmia de tais gestos passasse despercebida e, ao contrário, os meus amigos, pesquisadores de opinião pública e analistas dizem-me que o gesto fez ganhar consensos, precisamente da parte do mundo católico. Nisto há um problema colossal e refiro-me à questão educacional, à formação da classe dirigente, um âmbito que hoje parece estéril. Os intelectuais já não exercem influência alguma. As universidades sempre exerceram uma hegemonia cultural na Europa, mas hoje tudo isto parece ter acabado. E é difícil pensar numa Europa sem cristianismo.

Segundo a expressão do Papa, não é uma época de mudança, mas uma mudança de época que, no entanto, encontram todos despreparados.

O modelo é precisamente o do livro de Karl Polanyi, *A Grande Transformação*. Onde a transformação económica se torna transformação da cabeça do povo. Devemos tomar consciência de que lidamos com um homem diferente; a mudança é cultural e antropológica, basta ver os adolescentes, os jovens. Esta mudança encontrou desprevidas as culturas que emergiram da grande provação da guerra, que deram início à União europeia e elaboraram as constituições, as quais tinham aquele cubo tipicamente democrático, progressista, como por exemplo a constituição italiana. O facto é que houve e ainda há muitos mal-entendidos sobre a Europa. Por exemplo, cita-se o modelo de Spinelli, mas tenho a sensação de que muitos que o mencionam nunca o leram. Era um modelo totalmente neoluminista e substancialmente autoritário, pelo que é a elite que forma a Europa, não obstante as diferentes soberanias nacionais. Quando falamos de identidade nacional, de que estamos a falar? De uma identidade liberal? Cosmopolita? Iluminista? Com a evolução dos acontecimentos na Europa, é evidente que perdemos de vista o elemento da subsidiariedade, que era fundamental para o modelo federalista genuíno. Nesse modelo, com a criação da União europeia política, a identidade nacional foi ultrapassada, mas ao mesmo tempo defendida, garantida, dando peso político a cada um dos Estados-membros, numa união que fez a força de todos. Não foi possível explicitá-lo, comunicá-lo de forma alguma. E agora é fácil transmitir a mensa-

gem oposta: *Italy first* e assim por diante. Não foi possível comunicá-lo porque a impressão que se transmitia era sempre e constantemente, que o objetivo fosse a mera superação da identidade nacional dentro de um modelo iluminista. Assim como não se compreende que a batalha pela Europa é decisiva para o cristianismo. Podemos certamente dizer: "Aconteça o que acontecer a Europa, nós, Igreja, somos o mundo". Por um lado, é certo, por outro é sempre verdade que *urbis et orbis*, a cidade e o mundo, como se dissesse que não pode haver um mundo sem um centro, e qual é o centro? Washington? Pequim? Buenos Aires? Roma? Jerusalém? Claro, o Mediterrâneo, o centro é ele. Ainda não foi entendido de forma alguma que o centro, no bem ou no mal, continua a ser ele. Ao contrário, na Europa assistimos à ausência total e ao fracasso das políticas mediterrâneas, porque não temos esta visão histórica, e aos erros tático-políticos que dependem da incompreensão da dimensão a longo prazo. O Mediterrâneo não só foi crucial para evitar que se tomasse o fosso, o muro que se tornou, como também foi central porque é ali que se joga a própria Europa, nas águas que unem Atenas e Jerusalém à primeira e à segunda Roma.

A crise assume a forma de uma mutação antropológica. Estou a pensar no impacto das tecnologias, no grande aumento da expectativa de vida e no elemento que hoje parece desempenhar um papel fundamental também a nível político, quase eleitoral: o medo, que se transforma em terror.

Creio que o medo está intimamente ligado ao envelhecimento. Os organismos velhos dificilmente enfrentam os desafios com coragem. Um organismo velho tende a defender-se, quando o ambiente muda, ou se fecha, isto é físico. Estes fenómenos, que sentimos em toda a Europa, derivam, na minha opinião, essencialmente disso. Tal como nos séculos do Império romano, *mutatis mutandi*, a Europa deve ser hospitaleira. Mas deveria ter sido a tempo. Porque era evidente que a Europa precisava de sangue novo, e também de inteligência nova, e portanto, de enfrentar esta miscigenação, como diz o cardeal Scola, que o tinha compreendido perfeitamente e pregado de modo incessante. Lembrou-me de quando era patriarca de Veneza: não havia manifestação religiosa onde ele não se recorresse este aspeto da miscigenação. Era necessário que se fizesse a tempo a integração através de políticas de cidadania, políticas económicas também dirigidas aos países de onde provinham estas pessoas, estabelecendo acordos comerciais, culturais, económicos e sociais. Nós, europeus, deveríamos ter feito aquilo que em termos neocoloniais absolutos está a fazer a China. Esta é tarefa dos europeus, como não conseguimos compreender isto? É o mesmo discurso do Mediterrâneo feito antes: a Europa é Euro-Africa. Qual é o teu destino, Europa? Para quem é que tens de olhar, se não para os dois biltões e meio que os africanos serão daqui a pouco, para quem mais tens de olhar?

Se tivesse sido feito a tempo e bem organizado, esse trabalho político de integração teria dado origem à miscigenação positiva de que falou Scola. Certamente, não se organizou de forma alguma, de repente, devido a guerras, mudanças climáticas, miséria, chegaram grandes massas de refugiados, exilados, pobres, e é claro que dos velhos acima mencionados, especialmente durante uma crise económica, tornar-se-á inevitavelmente a presa mais fácil de uma clássica propaganda de direita.

Hitler, que nada tinha a ver com este discurso, em 1929, antes da crise, obteve apenas 2,8% dos votos, e Stresemann e Briand, alguns dias antes da

queda de Wall Street, reuniram-se, afirmando que todos os problemas entre eles estavam resolvidos, que concordavam em tudo, seriam irmãos para sempre, e que, juntos, a Alemanha e a França no futuro trabalhariam para criar a União europeia. Seis meses depois surgiu a crise e três anos depois teve lugar o advento de Hitler. Crises não geridas, transformações históricas não governadas podem produzir tudo, como vimos quando os Estados socialistas caíram e houve a guerra na Bósnia. Esta é a grande responsabilidade que os herdeiros dessas culturas têm de compreender, têm de se unir e dizer: o que é que fazemos juntos?

Falamos dos herdeiros da cultura católica, que o senhor, como leigo, não-crente, define como um potencial fertilizante para uma sociedade velha.

A Igreja é fundamental, a forma política da Igreja demonstrou que talvez seja a mais válida para lidar com problemas deste tipo. Mas a pergunta que faço cada vez mais é a seguinte: compreende-se que a batalha decisiva se trava aqui na Europa?

Fui eu que sugeri a monsenhor Ravasi o lema episcopal quando foi ordenado: *Prædica Verbum*. Assim como os professores de religião nas escolas deveriam fazer: destacar sem rodeios, sem explicações. Simplesmente *prædica Verbum*, que no entanto se revela como um sinal de contradição, porque nunca seremos capazes de seguir aquele Verbo. Mas — esse é o ponto — vemos a distância em relação à realidade: Ele mede a distância, inquieta a inteligência dos seus interlocutores fazendo-os refletir sobre essa distância, sem muita conversa, sem querer ser o mestre de ninguém. Sem dúvida, esta palavra formou a Europa há dois milénios. Na minha opinião, a pregação da Palavra pode ter enormes efeitos políticos ainda hoje, como no passado. O que são os movimentos reformistas, se não o regresso àquela consciência? Essa Palavra formou a cabeça do povo, precisamente em tempos de crise. Trata-se então de voltar, como Pascal, a apostar nesta força.

Qual é o papel dos leigos?

Os leigos devem retomar um grande discurso de reforma da União, das suas instituições, com coragem, com radicalidade. Ao contrário, a moderação é perseguida há trinta anos, mas como queremos resolver moderadamente uma situação de grande transformação? Podemos muito bem ser moderados, se for uma questão de evasão, mas se enfrentarmos uma tempestade devemos abandonar a moderação. *The Storm*, de Shakespeare, começa com uma tempestade em que todos os personagens são

como que aniquilados, há até mesmo reis, mas eles nada contam, agora o rei não é necessário; ao contrário, é preciso um timoneiro para governar na tempestade: tu, prezado rei, já não estás em terra firme como antes. Este é o desafio para os leigos que devem tentar entender se são capazes de governar na tempestade. Então eles poderiam combater, concordar com a dimensão espiritual. Se exist-

«Houve uma forma completamente errada de lidar com questões como a família e a procriação. Com uma posição por parte da Igreja, não de ataque, mas de defesa. Erro devastador... Deves responder à reforma com a tua reforma, deves responder à crise com os santos, deves responder com São Francisco, com Santo Inácio... a ideia de Maria é fundamental, é a ideia de uma mulher que, consciente e livremente, acolhe, apesar da dívida, apesar da dor, apesar do sofrimento»

tir uma grande força espiritual, ela terá efeitos civis, políticos e sociais, mas é preciso radicalidade, em ambos os campos, para compreender que, aqui na Europa, está a ser travada uma batalha talvez decisiva para o próprio cristianismo.

Na frente católica: por um lado há esta pregação da Palavra, ainda que de forma muito essencial, do Papa Francisco; por outro há aquele dado preocupante que o senhor mencionou anteriormente, há alguém que ostenta símbolos religiosos e aumenta o seu consenso, talvez incitando a multidão a vaia o Papa. Uma divisão, no mínimo perturbadora.

Na minha opinião, neste difícil momento de envelhecimento europeu, de crise das culturas políticas de que falei, a imagem da Igreja também foi envolvida, reduzida a um discurso de cosmopolitismo abstrato: a Igreja que se interessa pelo mundo, pelos migrantes, o Papa que vai a Lampedusa... foi feita uma leitura superficial, também pela forma como o Papa foi lido por leigos e não-crentes, numa chave segundo o estilo do partido de ação, de

«O problema é que esta Europa está velha, talvez decrepita, e não se pode pedir a um velho que não tenha medo, que seja corajoso. Então a questão é: dispomos do material para reescrever um discurso político, para reformar uma elite política na Europa? É necessário encontrar novos fertilizantes. E como não-crente (mas é daqui que nasce a minha atenção ao mundo católico) penso que talvez o fertilizante possa derivar exatamente da própria Igreja»

que resistir aos fenómenos da globalização. Tudo deve ser redefinido, revisto, especialmente na Itália, onde a par desta transformação global há também a catástrofe específica conhecida pelo nome de *tangentopoli* que, ao contrário, é também o colapso do teor ético e moral dos partidos do pacto antifascista.

Aqui De Rita diria que a minha leitura é inteiramente politizada (talvez cultural-politizada): na minha opinião, nunca são as simples transformações económicas que podem motivar o que aconteceu neste país e na Europa. Acontece, pois, que os



Uma Europa velha e estéril precisa do fertilizante da Igreja

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

Spinelli... Deu-se esta imagem: um cosmopolitismo de intelectuais.

Isto contrasta frontalmente com a realidade, se pensarmos, por exemplo, na pregação de Francisco, que é o máximo da concretude, da proximidade.

Sim, mas houve uma leitura. E devemos prestar atenção, porque precisamente um homem astuto como Salvini entendeu isso, inserindo-se nesta situação, tentando sorrateiramente dividir, colocando os Papas uns contra os outros, venerando, por exemplo, a figura de João Paulo II, o Papa da identidade cristã, da luta contra o comunismo...

Identidade é uma palavra que agora reapareceu de forma prepotente.

Esta é outra batalha cultural formidável que deve ser travada. Porque a identidade cristã só se adquire permanecendo próximo, não existe identidade em si mesma. Identidade é *pros eteron*, para o outro, a nossa identidade forma-se na medida em que nos tornamos outro, na medida em que nos aproximamos dos outros. Isto é fundamental, não é uma identidade abstrata. Uma identidade de "terra e sangue" é talvez a do *polites* grego, a identidade cristã não tem nada a ver com isso. Esta é uma grande, complexa e urgente batalha cultural. Poderia ajudar na recuperação de uma ética clássica de um certo tipo, para que esta batalha fosse travada em conjunto por leigos e católicos. Um desafio muito difícil numa condição em que a Europa se encontra numa situação de extrema fragilidade económica e demográfica. Seria realmente necessária uma grande iniciativa, credível a nível das reformas a implementar, das reformas a realizar e também a nível da classe política, da classe dirigente que a leva adiante, porque também isso tem a sua importância. A credibilidade da classe política é um elemento relevante na ação política, mas hoje está no ponto mais baixo de todos os tempos.

O seu livro sobre Maria, "Gerar Deus", veio-me à mente porque antes o senhor falava da Europa decrépita, que precisa de um fertilizante, que está em crise de generatividade.

Em crise como todo o Ocidente, que teve a sua grande expansão desde meados do século XVIII até à primeira guerra mundial, uma grande expansão demográfica, e então esse incremento demográfico deslocou-se para a Ásia e a África. Depende de vários fatores, mas é certamente um sinal característico do declínio de um país, de uma linhagem. Neste contexto, o tema de Maria é muito importante, se o compreendermos deste ponto de vista. Nos últimos anos, há uma forma completamente errada de lidar com questões deste tipo, como a família e a procriação. Com uma posição por parte da Igreja não de ataque, mas de defesa. Erro devastador. Penso no tema da dignidade da mulher: no livro digo que quando a mulher gera, gera Deus. E ao contrário, foi escolhida a linha de defesa nas antigas fronteiras relativas aos direitos da mulher, ao direito da família... O resultado é que hoje, em regiões católicas como o Vêneto, ninguém mais segue o que a Santa Igreja Romana diz. Uma força política pode dar uma imagem conservadora de si mesma, mas se a Igreja já a der, desaparece. Deves responder à reforma com a tua reforma, deves responder à crise com os santos, deves responder com São Francisco, com Santo Inácio, não podes responder apenas defendendo a ética. Para mim, a ideia de Maria é fundamental, é a ideia de uma mulher que, consciente, livremente, acolhe, apesar da dúvida, ape-

sar da dor, apesar do sofrimento, acolhe e segue até à Cruz.

Volto ao tema do rancor, mas de onde vem esse ressentimento?

Há vícios na nossa natureza. É o realismo cristão que no-lo diz; chama-lhe pecado original, chama-lhe como quiseres, mas a nossa natureza é prisioneira. E assim aqui estão os animais de Dante, os vícios capitais que hoje são exaltados num sistema individualista, penso na inveja, na avareza. A inveja é o oposto da proximidade. O cristão diz que está perto, o individualismo diz "inveja", são duas posições irreconciliáveis, dramaticamente opostas. Avareza, os clássicos costumavam dizer *pleonexia*, é querer ter mais, manter o meu e ter mais. Então o ressentimento pode tornar-se ódio, porque se eu tiver e quiser ter mais, se eu começar a ter menos, há inveja, e a inveja pode tornar-se ódio. Uma dinâmica oposta



Retrato do padroeiro dos políticos
«Thomas More», pintura de Hans Holbein, o Jovem (1527)

àquela que os cristãos indicam no termo *caritas* e que Aristóteles denominava justiça, *dikaioyne*: o justo não é só aquele que dá a cada um o seu, mas quem quer o bem do outro. Portanto, já para Aristóteles a justiça é uma atitude para o outro, *pros eteron*. São temas que a Igreja recupera eticamente: quando S. Tomás fala de ética, recupera estes elementos próprios, que depois, no itinerário *in Deum*, são ainda mais valorizados, exaltados e transpostos para um nível ainda mais elevado. Agora estamos novamente ali, talvez na fase extrema do sistema individualista. Esses organismos, organizações, formas que metabolizaram essas dinâmicas do individualismo desapareceram. Os partidos políticos fizeram algo desse tipo, tomaram-nas e transformaram-nas, metabolizaram-nas, concordaram com elas, e fizeram uma espécie de síntese, cada um para a sua própria parte social. A crise dos partidos políticos causou também isto. Nenhum dos partidos, nem sequer o único que existe, que é a *Legia*, cumpre, absolutamente, esta tarefa. Reúne, faz uma pilha de todas as ins-

tâncias dos indivíduos e coloca-as ali, mas sem mediação, sem síntese. O governo atual é exemplar deste ponto de vista: tem para todos os gostos, menos impostos para quem quer menos impostos, o rendimento da cidadania para quem quer o rendimento da cidadania... Os partidos políticos como os organismos intermédios entraram em crise, também porque, há que reconhecer, "se demitiram". Se os organismos intermédios, durante anos e anos, continuaram a aumentar o clientelismo, já não podem ter credibilidade.

Como é que a tecnologia contribui para esta mudança de época?

É evidente que ela é fundamental. Não é nada de novo em si, porque desde a revolução industrial e mesmo antes dela, ciência e técnica eram elementos intimamente ligados. Mas há grandes transformações com "saltos" reais, como o do século XIX. Por isso, hoje assistimos a um grande salto tecnológico, que porém pode intervir na vida, determinando as suas formas. A vida, eis a questão. Na minha opinião, o traço mais assustador, mais tremendo, mais terrível no sentido grego de maravilhoso e tremendo, isto é, surpreendente, é que esse indivíduo é tudo menos que um indivíduo oculto, ele está totalmente exposto, na cena, disponível, calculável; ele não é o indivíduo, é exatamente o oposto do "indivíduo" de Kierkegaard. Não, este é o indivíduo, é um número, mas no palco, na cena, exposto. É a obscuridade desta era, e vai ser cada vez pior; com os *big data* que hoje podem existir, o indivíduo é o resultado perfeito daquilo que ele compra: os livros que compra, as roupas que compra, os telefonemas que faz, os comboios que apanha, quantas vezes usa o caixa eletrónico. Tudo isso está totalmente gravado, os dados são a combinação de todas essas informações a partir das quais resulta quem és. E um dia pode muito bem acontecer que ao pedires um trabalho te respondam: "Qual é o seu nome, por favor? Vejamos... ah, o senhor é isto". A que ponto chegamos! A uma inquietante forma de igualdade, o que alguns teóricos da democracia temiam, isto é, que a igualdade pudesse levar a isso, e não por acaso tinham acrescentado a fraternidade.

Mas ela foi a grande esquecida, a favor da liberdade e da igualdade.

Também porque, como lembrava um verdadeiro grande sociólogo e filósofo como Georg Simmel, liberdade e igualdade por si só estão em absoluta oposição e contraste, são a contradição lógica, porque se eu for livre não serei igual a ti. Assim, liberdade e igualdade por si só fazem o indivíduo, cada um livre em relação ao outro. E por isso é necessária a fraternidade. Como se produz esta fraternidade, esta amizade? Como é produzida? Quem a produz? E assim, novamente, organismos, corpos intermédios, partidos, sindicatos, "sin-ducere", para unir. Já o tentámos no passado e, em parte, conseguimos. Mas agora, se tudo isto desmoronar, não há nada a fazer, existem os *big data*, há quem disponha deles e, à sua disposição estão também os indivíduos.

ANGELUS

Apelo a favor das vítimas dos conflitos armados

Guerra e terrorismo grande derrota humana

Guerra e terrorismo são «a grande derrota humana», recordou o Papa Francisco no final do Angelus de 11 de agosto, na praça de São Pedro, lançando um apelo a favor da tutela da vida e da dignidade das vítimas de conflitos armados, por ocasião do 70º aniversário das Convenções de Genebra. Precedentemente, comentando o trecho evangélico proposto pela liturgia dominical (Lc 12, 32-48), o Pontífice falou sobre a importância da «vigilância», exortando os fiéis a «viver e agir nesta terra com nostalgia do Céu».

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Na hodierna página do Evangelho (cf. Lc 12, 32-48), Jesus chama os seus discípulos a uma vigilância constante. Porquê? Para sentir a passagem de Deus pela própria vida, porque Deus passa continuamente pela vida. E indica as formas como viver bem esta vigilância: «Estejam apertados os vossos cintos e acesas as vossas lâmpadas» (v. 35). Este é o caminho. Antes de mais nada, «estejam apertados os cintos», uma imagem que recorda a atitude do peregrino, pronto para se pôr a caminho. Não se trata de lançar raízes em residências confortáveis e tranquilizadoras, mas de nos abandonarmos a nós mesmos, de nos abrimos com simplicidade e confiança à passagem de Deus nas nossas vidas, à vontade de Deus, que nos guia para a meta seguinte. O Senhor caminha sempre conosco e acompanha-nos muitas vezes com a mão, para nos guiar, para não nos enganarmos neste caminho difícil. Com efeito, quem confia em Deus sabe bem que a vida de fé não é algo estático, mas dinâmico! A vida de fé é um percurso contínuo, que leva a etapas sempre novas, indicadas pelo próprio Senhor dia após dia. Porque Ele é o Senhor das surpresas, o Senhor das novidades, mas das novidades verdadeiras.

E depois – o primeiro caminho era «estejam apertados os cintos» – pede-se que «estejam acesas as lâmpadas», para podermos iluminar a escuridão da noite. Isto é, somos convidados a viver uma fé autêntica e madura, capaz de iluminar as muitas «noites» da vida. Todos nós sabemos, todos nós vivemos dias que foram verdadeiras

noites espirituais. A lâmpada da fé deve ser alimentada continuamente, com o encontro de coração a coração com Jesus na oração e na escuta da sua Palavra. Retomo algo que já vos disse muitas vezes: trouxe sempre convosco um pequeno Evangelho, no bolso, na bolsa, para o ler. É um encontro com Jesus, com a Palavra de Jesus. Esta lâmpada do encontro com Jesus na oração e na sua Palavra é-nos confiada para o bem de todos: portanto, ninguém pode retirar-se intimamente na certeza da própria salvação, desinteressando-se dos outros. É uma ilusão acreditar que podemos iluminar-nos a nós mesmos dentro. Não, é uma ilusão! A verdadeira fé abre o coração ao próximo, impelindo à comunhão concreta com os irmãos, especialmente com aqueles que vivem em necessidade.

E para nos fazer compreender esta atitude, Jesus narra a parábola dos servos que esperam o regresso



O Evangelho de hoje nos convida a abandonar-nos com simplicidade e confiança à vontade de Deus e a manter “as lâmpadas acesas” para poder iluminar as trevas da noite. #Angelus

(@Pontifex_pt)

do Senhor que volta das bodas (vv. 36-40), apresentando assim outro aspeto da vigilância: estar pronto para o encontro derradeiro e definitivo com o Senhor. Cada um de nós viverá aquele dia do encontro. Cada um de nós tem a sua data do encontro definitivo. O Senhor diz: «Bem-aventurados os servos a quem o Senhor, quando voltar, encontrar vigilantes... E, se vier à meia-noite ou de madrugada, e assim os encontrar, bem-aventurados serão eles!» (vv. 37-38). Com estas palavras, o Senhor recorda-nos que a vida é um caminho para a eternidade; por isso, somos chamados a fazer frutificar todos os talentos



Bernardette Lopez «Estar pronto (Lc 12, 32-48)»

que temos, sem jamais nos esquecermos de que «aqui não temos uma cidade permanente, mas procuramos a futura» (Hb 13, 14). Nesta ótica, cada momento se torna precioso, e por isso devemos viver e agir nesta terra com nostalgia do Céu: com os pés no chão, caminhar na terra, trabalhar na terra, praticar o bem sobre a terra, mas com o coração nostálgico do Céu!

Não conseguimos compreender realmente em que consiste esta alegria suprema, mas Jesus faz-nos intuir isto, com a analogia do Senhor que encontra os seus servos ainda

que temos, sem jamais nos esquecermos de que «aqui não temos uma cidade permanente, mas procuramos a futura» (Hb 13, 14). Nesta ótica, cada momento se torna precioso, e por isso devemos viver e agir nesta terra com nostalgia do Céu: com os pés no chão, caminhar na terra, trabalhar na terra, praticar o bem sobre a terra, mas com o coração nostálgico do Céu!

que temos, sem jamais nos esquecermos de que «aqui não temos uma cidade permanente, mas procuramos a futura» (Hb 13, 14). Nesta ótica, cada momento se torna precioso, e por isso devemos viver e agir nesta terra com nostalgia do Céu: com os pés no chão, caminhar na terra, trabalhar na terra, praticar o bem sobre a terra, mas com o coração nostálgico do Céu!

No final da oração mariana, depois do apelo a favor das vítimas dos conflitos, o Papa saudou os grupos de fiéis presentes, proferindo as seguintes expressões.

Caros irmãos e irmãs!

Amanhã celebra-se o 70º aniversário das Convenções de Genebra, importantes instrumentos jurídicos internacionais que impõem limites ao uso da força e visam a salvaguarda de civis e prisioneiros em tempo de guerra. Que esta comemoração torne os Estados cada vez mais conscientes da necessidade imprescindível de tutelar a vida e a dignidade das vítimas dos conflitos armados. Todos são chamados a observar os limites impostos pelo direito humanitário internacional, protegendo populações indefesas e estruturas civis, especialmente hospitais, escolas, lugares de culto e campos de refugiados. E não esqueçamos que a guerra e o terrorismo são sempre uma grave perda para a humanidade inteira. Eles são a grande derrota humana!

Saúdo-vos a todos, romanos e peregrinos de vários países: famílias, grupos paroquiais e associações.

Também hoje estão presentes muitos adolescentes e jovens. Saúdo-vos com afeto! Em particular, os adolescentes de Saccolongo e também os de Creola, bem como o grupo de pastoral juvenil de Verona e os jovens de Cittadella.

Desejo feliz domingo a todos. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

Sobre a carta do Papa aos presbíteros de coração a coração

Não mel mas sal da terra

ANDREA MONDA

A sua misericórdia é eterna! O grito de exultação do Salmo 135 é o leitmotiv que acompanha o texto que o Papa quis enviar a todos os sacerdotes por ocasião da festividade do seu padroeiro, o Cura d'Arce, no 160º aniversário da sua morte. Nesta longa carta, assinada e enviada da catedral de São João de Latrão, o bispo de Roma dirige-se a todos os presbíteros do mundo mas, segundo o seu estilo, coloca-se diante de cada um deles, falando a um "tu" de coração aberto, *cor ad cor loquitur*, em conformidade com o lema do beato, que em breve será santo, cardeal Newman. Francisco fala de coração a coração e quer que a todos os sacerdotes católicos espalhados pelo mundo chegue o seu abraço, a sua estima, a sua proximidade e o seu encorajamento. A missiva é dirigida «a vós que, como o Cura d'Arce, labutais na "trincheira", aguentaís o peso do dia e do calor (cf. Mt 20, 12) e, sujeitos a uma infinidade de situações,



Obrigado pela alegria com a qual vocês souberam dar a sua vida, obrigado por todas as vezes que vocês acolheram aqueles que caíram, cuidando de suas feridas, mostrando ternura e compaixão.
#AosMeusIrmãosPresbíteros

(@Pontifex_pt)

as enfrentais diariamente e sem vos dar ares de importância para que o povo de Deus seja cuidado e acompanhado».

É preciso ter a coragem de "se expor" e esta coragem deve ser "reabastecida", revigorada: eis o sentido que sobressai imediatamente da leitura deste importante texto do atual sucessor de Pedro. Encorajamento e gratidão: «Como irmão mais velho e pai, também eu quero estar perto, em primeiro lugar para vos agradecer em nome do santo povo fiel de Deus tudo o que ele recebe de vós». Irmão mais velho e pai: entre os numerosos documentos do pontificado de Bergoglio, este é um daqueles dos quais mais transpira a paternidade do Santo Padre.

Portanto, um texto intenso e rico de nuances, a ponto de ser difícil comentá-lo, em pouco tempo, de modo exaustivo (aliás, não se trata de um texto para ser comentado, mas serve de acompanhamento para todos os católicos, não somente para os presbíteros, na labuta da vida de todos os dias).

Numa primeira leitura, impressionam três aspetos, expressos por três palavras: sofrimento, tentação, povo.

A dor é posta no centro da reflexão de Francisco; vem à mente Dostoiévski, escritor particularmente amado pelo Papa, que coloca no centro das suas obras a dor com o seu escândalo, mas também com a santidade. A dor é uma parte intrínseca do ser sacerdote: «A missão a que fomos chamados não comporta ser imunes ao sofrimento, à dor e nem sequer à incompreensão», e o Papa tem palavras de grande conforto para o particular momento histórico que a Igreja está a atravessar, mas é precisamente o ser sacerdote que, sempre, ex-

põe a uma imersão nas feridas e, portanto, no sofrimento da humanidade. Aliás, afirma o Papa, a relação com a dor revela-se um precioso "teste": para «saber como está o nosso coração de pastor é preciso perguntar-nos como enfrentamos a dor».

E aqui aparece o segundo aspeto, a tentação, que consiste antes de tudo em querer afastar-se do sofrimento e depois do sofredor. Trata-se de uma tentação que se colora de intelectualismo, quando ao contrário a vocação e missão sacerdotal devem ser enfrentadas «não como teoria, como conhecimento intelectual ou moral do que deveria ser, mas como homens que, no meio da tribulação, foram transformados e transfigurados pelo Senhor e, como Job, chegam a exclamar: «Os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora vem-te os meus próprios olhos» (42, 5). Sem esta experiência fundadora, todos os nossos esforços nos levarão pelo caminho da frustração e do desencanto».

E aqui aparece outra nuance da mesma tentação, que é a preguiça. O Papa recorre novamente à literatura, evocando de modo explícito o *Diário de um pároco de aldeia*, de Bernanos, e à grande tradição espiritual, citando o cardeal Tomáš Špídlík, e define eficazmente a preguiça como *tristeza adocicada*, que «semeia desânimo, orfandade e leva ao desespero», aquela tristeza que «paralisa o ardor de continuar com o trabalho e com a oração, torna-nos antipáticos aqueles que vivem ao nosso lado [...] leva à habitação e, pouco a pouco, faz-nos ver como natural o mal e a injustiça, sussurrando tenuemente: "sempre se fez assim"». No mesmo romance, o grande escritor francês, precisamente contra aquela tristeza adocicada, faz dizer a um sacerdote: «O bom Deus não escreveu que nós somos o mel da terra, meu jovem, mas o sal». É aqui que se descobre o bom "serviço" que a literatura pode prestar: trazer aquele entusiasmo de que precisa o homem entorpecido pela "prosaicidade" da vida. O Papa resume-o de forma eficaz, precisamente quando explica o risco da preguiça, com palavras simples: «Desafieiros a habitação, abramos bem os olhos e os ouvidos». Mas os bons livros, poéticos ou espirituais, que certamente podem abrir os olhos e os ouvidos, sozinhos não são suficientes; pelo contrário, podem dar azo a outra tentação, aquela à qual o Papa chama "tendência prometeica"; portanto, é necessário mais, a oração: «Na oração experimentamos aquela nossa bendita precariedade, que nos lembra que somos discípulos carecidos do auxílio do Senhor e nos liberta da tendência prometeica "de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas"».

Aqui sobressai o terceiro aspeto: o povo. Pois a oração nunca é apenas um acontecimento individual. Especialmente para um pastor, a sua oração funde-se com aquela do e pelo povo. Também aqui devemos recomençar a partir da dor, porque «o sofrimento de tantas vítimas, o sofrimento do Povo de Deus, e também nosso, não pode ser em vão»; imerso na experiência fundadora do sofrimento, o pastor descobrirá que na sua missão nunca está sozinho, mas tem sempre ao seu lado dois companheiros e aliados: o povo e Jesus. «Numa oração como esta, sabemos que nunca estamos sozinhos», afirma o Papa: «A oração do pastor é uma oração habitada tanto pelo Espírito "que clama: Abbá, Pai!" (Gl 4, 6), como pelo povo que lhe foi confiado. A nossa missão e identidade compreendem-se a partir desta dupla ligação. A oração do pastor nutre-se e encarna-se no coração do Povo de Deus.

Traz as marcas das feridas e das alegrias do seu povo». Esta aliança permite que o coração do pastor não desanime: «Para manter o coração animado, é necessário não negligenciar estas duas ligações constitutivas da nossa identidade: com Jesus [...] Quanto à outra ligação constitutiva, robusteci e nutri o vínculo com o vosso povo. Não vos isoleis do vosso povo, nem dos presbitérios ou das comunidades. E, menos ainda, não vos encerreis em grupos fechados e elitistas. Isto, no fim, asfixia e envenena o espírito. Um ministro ardoroso é um ministro sempre em saídas».

Sufrimento, tentação, povo. Mas o manto da misericórdia cobre tudo. O Papa não menciona o termo original em hebraico, *rachamím*, mas exprime claramente o conceito, quando agradece aos sacerdotes «as vezes em que, deixando-vos enranhadamente comover, acolhestes os caídos, curastes as feridas, dando calor aos seus corações, mostrando ternura e compaixão, como o samaritano da parábola (cf. Lc 10, 25-37). Nada é mais urgente do que isto: proximidade, vizinhança, abeirar-se da carne do irmão que sofre». Quando os sacerdotes se deixaram comover intimamente, foram fiéis, e o Papa deseja sublinhá-lo: «Obrigado pela vossa fidelidade aos compromissos assumidos. Numa sociedade, numa cultura que transformou o "gasoso" em valor, é verdadeiramente significativa a existência de pessoas que apostem e procurem assumir compromissos que exigem toda a vida».

Eis o sal, e não o mel, da terra, o sinal de contradição, eis o antídoto contra a tristeza adocicada, a solidez da fé diligente em relação ao "estado gasoso" do mundo. Tudo bem, contanto que não escorreguemos no risco oposto da tendência prometeica (as duas heresias, gnose e pelagianismo, sempre atuais); disto nos salva a consciência de que a fidelidade não é nossa, mas de Deus, a sua misericórdia é eterna. Não é um erro de impressão a repetição, por dezenas de vezes na carta, da exclamação do Salmo 135: «A sua misericórdia é eterna!»; nós podemos ser misericordiosos de vez em quando, mas Deus é a misericórdia e nós só o podemos ser na medida em que o deixarmos agir dentro de nós. E se não fosse suficiente, neste ponto o Papa é mais claro do que nunca: «Substancialmente, estamos a dizer que continuamos a acreditar em Deus que nunca quebrou a sua aliança, mesmo quando nós a quebramos vezes sem conta. Isto convida-nos a celebrar a fidelidade de Deus que, apesar dos nossos limites e pecados, não deixa de confiar, crer e apostar em nós, e convida-nos a fazer o mesmo». Como já tinha escrito na *Gaudete et exultate*: «A falta de um reconhecimento sincero, pesaroso e orante dos nossos limites é que impede a graça de atuar». No final da leitura deste texto, que o sucessor de Pedro enviou a todos os seus irmãos sacerdotes, vem à mente outra confortável página literária sobre o *mysterium Ecclesiae*, escrita pelo romancista inglês G. K. Chesterton: «Quando, num momento simbólico, lançava os alicerces da sua grande sociedade, Cristo não escolheu como pedra angular o genial Paulo, nem o místico João, mas um trapaceiro, um insolente, um covarde: em síntese, um homem. E sobre esta pedra Ele edificou a sua Igreja, e as portas do inferno não prevaleceram sobre ela. Devido a esta fraqueza intrínseca e constante, desabaram todos os impérios e todos os reinos, que foram fundados por homens fortes sobre homens fortes. Mas essa realidade singular, a histórica Igreja cristã, foi fundada sobre um homem fraco, e por isso é indestrutível. Pois nenhuma corrente é mais forte do que o seu elo mais frágil».



O alfabeto do Evangelho

Terapia da solidão

LUIGI MARIA EPICOCO

Se o homem é sobretudo um “ser relacional”, segundo a definição clássica de Aristóteles, contudo há que dizer também que de todas as relações de que o homem é capaz, a da amizade é a mais forte. É tão forte que no Evangelho Jesus usa a palavra amizade como a mais decisiva para mostrar a mudança que provocou. Também o Papa Francisco está convencido disto: «Quando Jesus usa a palavra amizade, ela indica uma verdade inoportuna: só há verdadeira amizade quando o encontro me leva a participar na vida do próximo, até ao dom de mim mesmo. Com efeito, Jesus diz aos seus

discípulos: “Já não vos chamo servos [...]; mas chamei-vos amigos, dado que vos dei a conhecer tudo quanto ouvi da parte do meu Pai” (Jo 15, 15). Desta forma, Ele instaura uma relação nova entre o homem e Deus, que supera a lei fundando-se num amor confiante. Ao mesmo tempo, Jesus liberta a amizade do sentimentalismo, comunicando-a a nós como um compromisso de responsabilidade, que envolve a vida: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida pelos seus amigos” (Jo 15, 13)» (*Discurso do Papa Francisco aos participantes na 75.ª Convenção do Serra International*, 23 de junho de 2017). Portanto, a amizade não é uma relação entre outras, mas a mais significativa do

homem, a ponto que pode ser considerada o alfabeto do Evangelho. Jesus, ao anunciar a Boa Nova do Reino, criou à sua volta um círculo de amizades que, com o passar do tempo, foi entendido como a forma mais radical e autêntica da Igreja. Por isso, devemos agradecer ao arcebispo Francesco Gioia por ter escrito um volume dedicado à amizade: *L'amicizia, terapia della solitudine* (Roma, Città Nuova, 2019, 120 páginas). Muitos escreveram sobre este tema, mas o mérito que devemos dar a D. Gioia é o de ter conseguido recolher pacientemente tudo o que de melhor foi dito sobre a amizade ao longo dos séculos, por filósofos, teólogos, artistas, poetas e, através das suas palavras, redescobrir uma luz sobre a amizade que não pode ficar escondida (cf. Mt 5, 14). Já no passado, o cardeal Gianfranco Ravasi tinha definido a obra de D. Gioia “uma teologia dos sentimentos”, mostrando como a sua reflexão sobre os temas da alegria, fraqueza, paciência, acolhimento e agora da amizade, não é um mero exercício de pensamento sentimental, mas uma verdadeira teologia que, precisamente a partir do que nos torna humanos, nos faz redescobrir os traços do Deus de Jesus Cristo.

Aparentemente, o oposto da amizade parece ser a solidão. Carmelo Vigna escreve claramente no prefácio do texto que «solidão e relação são como a sístole e a diástole do coração humano: por conseguinte, precisamos da sua justa alternância». Todavia, é verdade que os nossos tempos são muitas vezes feridos por uma solidão doentia que lança o homem no desespero e obscurece um horizonte de sentido. Então só a amizade pode ser o remédio, a “ponte”. A crise de um mundo que se sente sozinho, só se pode responder à maneira de Cristo, e a amizade é a resposta mais credível que Ele nos deu. É por isso que o texto de D. Gioia não é só mais um entre muitos, mas um abençoado *repetita iuvant*.

Num diálogo de Teodoro Pródromo

«Amicitia exulans»

LUCIO COCO

Teodoro Pródromo é um escritor bizantino que viveu no século XII, conhecido sobretudo pela sua produção narrativa (em particular o romance *Rodante e Dositades*). Atribuem-lhe várias outras obras de caráter hagiográfico, de reflexão teológica além de textos poéticos que se encontram em parte num volume da *Patrologia Graeca* sob o título de «*Scripta miscellanea*».

Entre estes materiais heterogêneos há também o texto sobre a amizade do qual traduzi a parte inicial para recordar o dia mundial da amizade. O título da obra é «A amizade no exílio» (*Amicitia exulans*), porque o autor imagina que «a amizade – como está escrito no resumo do poema – tinha sido expulsa pelo seu marido, o mundo, e também pela sociedade humana» e que o seu lugar na terra foi tomado «pela inimizade insensata, que se uniu ao homem a conselho da loucura, sua serva».

Segue-se um diálogo muito intenso, que apresenta traços de grande modernidade, entre um estrangeiro (*xénos*) e a amizade (*philia*), como se houvesse uma afinidade particular entre os dois interlocutores.

ESTRANGEIRO – Senhora amizade, pessoa honrada, de onde vens? Tão cheia de lágrimas, triste, abatida, com os cabelos arrancados, curvada,



pálida, com um manto de luto, negligenciando o uso de um cinto e dos seus sapatos: estás a passar um mau período! Onde está a roupa do passado? Onde está a púrpura? Onde estão o decoro e os lábios rosados? Onde estão as tranças e o cinto gracioso? E as sandálias e o resto do teu prestígio? Tudo acabou, reduzindo-se a nada. E agora, como uma

carpideira, vais embora triste. Mas de onde vens?

AMIZADE – Venho da terra e vou para Deus Pai.

ESTRANGEIRO – Então o mundo ficou sem amizade?

AMIZADE – Sim. Ele comportou-se muito mal comigo.

ESTRANGEIRO – Comportou-se mal?

AMIZADE – E pôs-me fora da porta!

ESTRANGEIRO – Fora da porta?

AMIZADE – Cheguei a pensar que estava a moirer.

ESTRANGEIRO – Ficaste fora?

AMIZADE – E também ferida.

ESTRANGEIRO – Achas que o mundo se tornou abertamente louco, ao ter-te ofendido tão insanamente?

AMIZADE – Por que te interessa conhecer os meus outros males? Ora um soco atingia-me as mandíbulas, ora saltavam-me na barriga com a planta dos pés. Para não falar do resto, que é ainda mais grave, ó estrangeiro. Na verdade, se o soubesses, o teu coração ficaria triste.

ESTRANGEIRO – Em nome do teu pai, amizade, nada silencies, mas diz-me tudo.

AMIZADE – Então, sentemo-nos debaixo do pinheiro (vês como esta árvore é bonita e frondosa) e explicar-te-ei tudo...

Estas são as frases iniciais da conversa, capazes de fazer refletir sobre o facto de que o sentimento de amizade deve ser sempre cultivado e acolhido como algo muito precioso e frágil, embora muitas vezes ela seja chamada em causa despropositadamente. Caso contrário, o risco – já mencionado pelo escritor bizantino há vários séculos – é a tristeza de “um mundo sem amizade”.

A Igreja na Amazônia e o desenvolvimento humano integral

Compromisso profético em prol da dignidade dos povos

MICHAEL CZERNY S.J.*

Como o bom samaritano, a Igreja quer pôr em prática o seu compromisso de compaixão e de justiça do Evangelho na Amazônia. Ela é chamada a observar e a compreender, e depois a abrir-se ao diálogo e a agir. Eis a razão pela qual o Papa Francisco convocou um Sínodo dos bispos para a região pan-amazônica. Com a ajuda do Sínodo, será possível envidar ações pastorais e ambientais na Amazônia e reafirmar as modalidades de “ser Igreja” que comportam estas ações.

Esta preocupação pelo compromisso é explicitamente assumida no último capítulo do *Instrumentum laboris* (IL), que resume os desafios e as esperanças de uma Igreja profética na região amazônica. O horizonte no qual se move, sem o qual não pode haver vida nem justiça, é o facto de que “tudo está interligado”, como explicou o Papa Francisco na encíclica *Laudato si'* (n. 138). O social e o natural, o ambiental e o pastoral não podem nem devem ser separados. Compartimentações reducionistas – intelectuais e espirituais, empresariais e políticas – têm posto em perigo a vida humana na Terra, casa comum da humanidade.

O próximo Sínodo está empenhado em ajudar a debelar as violações numa parte do mundo onde as consequências dos equívocos e das práticas nocivas são particularmente graves. Chegou o momento em que a Igreja deve abordar esta questão. Por isso, no tema do Sínodo, encontramos as palavras «Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral», e o título do último capítulo do IL é «O papel profético da Igreja e a promoção humana integral». Ambos falam de dimensões ou dinâmicas que devem caminhar juntas na missão da Igreja: o seu ministério pastoral não pode estar desligado da promoção humana nem da ecologia integral.

Assim como a encíclica *Laudato si'*, com a sua abrangente exposição histórica, científica, económica e pastoral, também o IL oferece uma longa análise das condições da Amazônia. Segundo as palavras do Papa Francisco: «A Amazônia é uma terra disputada em várias frentes: por um lado, a nova ideologia extrativa e a forte pressão de grandes interesses económicos cuja afeição se centra no petróleo, gás, madeira, ouro e monoculturas agroindustriais» (*Discurso no encontro com os povos da Amazônia*, Puerto Maldonado, Peru, 19 de janeiro de 2018). O IL acrescenta: «A destruição múltipla da vida humana e ambiental, as enfermidades e a contaminação de rios e terras, o abate e a queima de árvores, a perda maciça da biodiversidade, o desaparecimento de espécies (mais de um milhão dos oito milhões de animais e vegetais estão em perigo), constituem uma realidade crua que interpela todos nós. Reinam a violência, o caos e a corrupção. O território se transformou em um espaço de de-



sencontros e de extermínio de povos, culturas e gerações» (n. 23).

A situação da Amazônia tem várias causas. Há responsabilidades locais e multinacionais que apoiam e incentivam investimentos, públicos ou privados, que têm impactos devastadores sobre o meio ambiente amazônico e os seus habitantes. No entanto, um ponto de partida fundamental é o facto de que os povos indígenas veem os seus territórios ameaçados por interesses que os exploram e, muitas vezes, lhes é negado o direito à própria terra.

Trata-se de uma violação do direito e das convenções internacionais. «A Declaração das Nações Unidas sobre os direitos dos povos indígenas (aprovada em 13 de setembro de 2007), à qual o Papa se referiu em várias ocasiões, contém importantes direitos, como o da autodeterminação, em virtude do qual esses povos decidem livremente o seu estatuto político e buscam o próprio desenvolvimento económico, social e cultural (art. 3). No exercício do seu direito à autodeterminação, os povos indígenas podem reivindicar a autonomia em questões relativas aos seus assuntos internos e locais (art. 4). E no art. 6 da Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre povos indígenas e tribais, de 1989, declara-se o seu direito a não se submeter a medidas legislativas ou administrativas que os possam afetar diretamente sem que antes tenham sido consultados “em boa fé e de forma adequada às circunstâncias”, para que deem o seu consentimento prévio, livre e informado» (Pedro Barreto S.J., *Sínodo per l'Amazzonia e diritti umani: Popoli, comunità e Stati in dialogo*, «La Civiltà Cattolica», 20 de julho de 2019).

Na realidade, é precisamente a desigualdade de forças e, em muitos casos, a flagrante falta de respeito pelos direitos constitucionais, bem como a imposição de um chamado modelo de desenvolvimento, que continuam a provocar grandes per-

turbações sociais, vulnerabilidade, degradação das relações, migração, desemprego, violência e fome em muitas comunidades indígenas. A falta de reconhecimento, demarcação e propriedade dos territórios (condição *sine qua non* para a segurança, a estabilidade comunitária e a sobrevivência cultural) causou um número alarmante de mortos devido a novas doenças ou de natureza violenta. «Questionar o poder na defesa do território e dos direitos humanos significa arriscar a vida, abrindo um caminho de cruz e martírio» (IL, 145).

O IL cita o exemplo dos 119 indígenas que foram assassinados entre 2003 e 2017 apenas no Brasil «por terem defendido seus territórios» (cf. *Conselho Indigenista Missionário, CNBB, Brasil, Relatório de violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2017*, pp. 84 ss.; veja também a apresentação de D. Roque Paloschi: «Na ausência da Justiça, a violência cotidiana devasta as vidas dentro e fora das terras indígenas», p. 9, Brasília 2018). Na verdade, em muitos casos, estes assassinatos devem ser atribuídos à embriaguez, à violência doméstica ou a litígios entre pessoas. Em geral, porém, devem ser consideradas como consequências de causas ambientais, sociais e estruturais, problemas decorrentes da falta de demarcação de territórios e da sua invasão por poderosos interesses externos.

No seu papel pastoral a Igreja trabalha a favor das vítimas e, no seu papel profético, opõe-se aos abusos. É chamada a ser «sustentáculo da justiça e defensora dos pobres», recordou o Papa Bento XVI, durante a Conferência de Aparecida no seu discurso inaugural (n. 395). A sua presença é, na realidade, «um prisma que permite identificar os pontos frágeis da resposta dos Estados, e das sociedades enquanto tais, face a situações urgentes, em relação às quais, independentemente da Igreja, existem dívidas concretas e históricas que não podem ser evitadas» (Pedro Barreto S.J., *art. cit.*). Ao mesmo

tempo, a Igreja vê «com consciência crítica», como faz com cada povo que evangeliza, «uma série de comportamentos e realidades dos povos indígenas, que são contrários ao Evangelho» (IL, 144).

Os Pontífices, começando pelo Papa Leão XIII no final do século XIX, o Concílio Vaticano II e a Doutrina Social da Igreja oferecem orientações claras. Em resposta a um modelo dominante de sociedade que produz exclusão e desigualdade, e a um modelo económico que mata homens e mulheres mais vulneráveis e destrói a casa comum, a missão da Igreja inclui um compromisso profético em prol da dignidade de todos os seres humanos sem distinção, a justiça, a paz e a integridade da criação.

Como esclareceu o Papa Francisco: «Acho que o problema essencial é como reconciliar o direito ao desenvolvimento, inclusive o social e cultural, com a tutela das características próprias dos indígenas e dos seus territórios. [...] Neste sentido, deveria prevalecer sempre o direito ao consenso prévio e informado» (*Discurso aos representantes de povos indígenas*, por ocasião da 40ª sessão do Conselho de governadores do Fundo internacional para o desenvolvimento agrícola, Ifad, 15 de fevereiro de 2017). Também em Puerto Maldonado, o Papa afirmou: «Considero imprescindível fazer esforços para gerar espaços institucionais de respeito, reconhecimento e diálogo com os povos nativos, assumindo e resgatando a cultura, a linguagem, as tradições, os direitos e a espiritualidade que lhes são próprios» (19 de janeiro de 2018).

Na Amazônia, o “bem viver” dos povos indígenas depende principalmente da demarcação dos seus territórios e do seu respeito escrupuloso. «A política – disse São João Paulo II – é o uso do poder legítimo para alcançar o bem comum da sociedade» (*Discurso no “Jubileu dos governantes e parlamentares”*, 4 de novembro de 2000). A tarefa fundamental da política é assegurar uma ordem social justa, e a Igreja «não pode nem deve ficar à margem da luta pela justiça» (*Deus caritas est*, 28; *Evangelii gaudium*, 183). Assim, a Igreja está ao lado dos povos indígenas no cuidado do seu território.

Com todas estas grandes dinâmicas e desafios, ameaças e promessas presentes na nossa mente e também na nossa oração, recordemos as palavras do Papa Francisco citadas na exortação apostólica *Evangelii gaudium*: «A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora» (n. 178).

*Subsecretário do Dicasterio para o serviço do desenvolvimento humano integral e Secretário especial do Sínodo para a Amazônia



INFORMAÇÕES

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 6 de agosto

Membros da Congregação para as Igrejas Orientais: os Senhores Cardeais Gualtiero Bassetti, Arcebispo de Perugia – Città della Pieve (Itália); Carlos Osoro Sierra, Arcebispo de Madrid (Espanha); Anders Arborelius, Bispo de Estocolmo (Suécia); e Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (Vaticano); D. Anthony Colin Fisher, Arcebispo de Sidney (Austrália); D. Georges Bacouni, Arcebispo de Beirute e Jbeil dos Greco-Melquitas (Líbano); D. Borys Gudziak, Arcebispo de Filadélfia dos Ucrânianos (EUA); D. Michel Aupetit, Arcebispo de Paris (França); e D. Miguel Ángel Ayuso Guixot, Presidente do Pontifício Conse-

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 8 de agosto

De D. Georges Pontier, ao governo pastoral da Arquidiocese de Marselha (França).

lho para o Diálogo Inter-Religioso (Vaticano).

Núncio Apostólico na Estónia e Letónia, D. Petar Rajič, até hoje Núncio Apostólico na Lituânia.

A 8 de agosto

Arcebispo Metropolitano de Marselha (França), D. Jean-Marc Aveline, até à presente data Auxiliar da mesma Sede.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 1 de agosto

D. Jesus B. Tuquib, Arcebispo Emérito de Cagayan de Oro (Filipinas).

O venerando Prelado nasceu a 27 de junho de 1930, em Clarin (Filipinas). Foi ordenado Sacerdote no dia 14 de março de 1959. Recebeu a Ordenação episcopal em 29 de maio de 1973.

No dia 2 de agosto

D. Stuart France O'Connell, Bispo Emérito de Rarotonga (Ilhas Cook).

O saudoso Prelado nasceu no dia 11 de maio de 1935, em Lower Hutt (Nova Zelândia). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 27 de julho de 1960. Foi ordenado Bispo em 22 de fevereiro de 1997.

No dia 3 de agosto

D. John Philip Sakil, Bispo de Timika (Indonésia).

O ilustre Prelado nasceu a 20 de março de 1960, em Kokonao (Indonésia). Foi ordenado Sacerdote no dia 23 de outubro de 1988. Tendo sido nomeado primeiro Bispo de Timika a 19 de dezembro de 2003, recebeu a Ordenação episcopal em 18 de abril de 2004.

Início de Missão de Núncio Apostólico

D. Charles Daniel Balvo, na República Checa (26 de novembro de 2018).

Quirógrafo do Papa Francisco

Renovados os Estatutos do Ior

Publicamos a seguir o quirógrafo, assinado no dia 8 de agosto, mediante o qual o Papa Francisco renova, «ad experimentum» por dois anos, os Estatutos do Instituto para as Obras de Religião (Ior).



Com o Quirógrafo de 27 de junho de 1942, o nosso Predecessor de venerável memória Pio XII erigiu na Cidade do Vaticano o Instituto para as Obras de Religião, com personalidade jurídica, absorvendo nele a pré-existente "Administração das Obras de Religião", cujo Estatuto foi aprovado pelo próprio Sumo Pontífice a 17 de março de 1941 e que teve a sua primeira origem na «Comissão ad pias causas» criada pelo Sumo Pontífice Leão XIII em 1887.

Além disso, com o subsequente Quirógrafo de 24 de janeiro de 1944, estabeleceu novas normas para o regime do próprio Instituto, confiando à Comissão de Vigilância dos Cardeais do Instituto a tarefa de propor alterações aos Estatutos de 17 de março de 1941 que, para a execução do Quirógrafo em questão, pareciam necessárias.

Para continuar a adaptar melhor as estruturas e as atividades do Instituto às necessidades dos tempos, em particular recorrendo

à colaboração e à responsabilidade dos competentes leigos católicos, desejo renovar, *ad experimentum* por dois anos, os Estatutos do Instituto para as Obras de Religião, com os quais São João Paulo II, com o quirógrafo de 1 de março de 1990, deu uma nova configuração ao Instituto, mantendo o seu nome e finalidade.

1. O Instituto tem por finalidade assegurar a guarda e a administração dos bens móveis e imóveis transferidos ou confiados ao Instituto por pessoas singulares ou coletivas e destinados a obras de religião ou de caridade.

2. O Instituto tem personalidade jurídica canónica pública e a sede é no Estado da Cidade do Vaticano.

Em caso de litúgio, o foro competente é, em regra, o do Estado da Cidade do Vaticano.

3. São órgãos do Instituto:

- A Comissão dos Cardeais
- O Prelado
- O Conselho de Superintendência
- A Administração.

4. A Comissão cardinalícia é composta por cinco Cardeais nomeados *ad quinquennium* pelo Sumo Pontífice e confirmados uma vez.

Acompanha a fidelidade do Instituto às normas do estatuto, segundo as modalidades previstas no Estatuto.

5. O Prelado, nomeado pela Comissão dos Cardeais, acompanha a atividade do Instituto, participa como Secretário nas reuniões da própria Comissão e assiste às reuniões do Conselho de Superintendência.

6. O Conselho de Superintendência é responsável pela administração e gestão do Instituto, bem como pela vigilância e super-

visão das suas atividades nos níveis financeiro, económico e operacional.

É composto por sete membros, nomeados pela Comissão de Cardeais, que permanecem no cargo por cinco anos e podem ser confirmados uma vez.

7. O Presidente do Conselho de Superintendência é responsável pela representação legal do Instituto.

8. A Direção é composta pelo Diretor Geral e um possível Vice-Diretor, nomeado pelo Conselho de Superintendência com a aprovação da Comissão de Cardeais.

O Diretor-Geral, que pode ser contratado por tempo indeterminado ou a prazo, é responsável por toda a atividade operacional do Instituto e responde perante o Conselho de Superintendência.

9. A revisão legal das contas é efetuada por um auditor externo, designado pela Comissão Cardinalícia, sob proposta do Conselho de Superintendência, por um período de três mandatos consecutivos, renovável uma só vez.

Estabeleço também que este Quirógrafo seja publicado no jornal diário «L'Osservatore Romano», juntamente com o novo Estatuto do Instituto para as Obras de Religião que, aprovado por mim *ad experimentum* por dois anos, entrará em vigor imediatamente a partir daquela publicação, e que depois ambos sejam inseridos simultaneamente na *Acta Apostolicae Sedis*.

Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 8 de agosto de 2019, sétimo ano do nosso Pontificado.

Franciscus

ANGELUS

Solenidade da Assunção da Santíssima Virgem Maria

Um rosário para a paz na Síria

Seis mil Rosários, destinados às comunidades cristãs da Síria, por iniciativa da associação «Ajuda à Igreja que Sofre», foram benzidos por Francisco no final do Angelus, recitado com os fiéis presentes na praça de São Pedro, ao meio-dia de 15 de agosto, solenidade da Assunção de Maria Santíssima. Antes da recitação da prece mariana o Pontífice comentou o Evangelho do dia, centrado no «Magnificat». Eis as suas palavras.

Queridos irmãos e irmãs, bom dia! No Evangelho de hoje, solenidade da Assunção de Maria Santíssima, a Virgem Santa reza assim: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito alegra-se em Deus, meu Salvador» (Lc 1, 46-47). Vejamos os verbos desta oração: *glorifica* e *alegra-se*. Dois verbos: *glorifica* e *alegra-se*. Alegramo-nos quando acontece algo tão bonito que não é suficiente rejubilar-nos dentro, na alma, mas queremos expressar a felicidade com todo o corpo: então alegramo-nos. Maria alegra-se por causa de Deus. Quem sabe se também nós nos alegramos pelo Senhor: alegramo-nos por um resultado alcançado, por uma boa

notícia, mas hoje Maria ensina-nos a exultar em Deus. Porquê? Porque Ele – Deus – faz «maravilhas» (cf. v. 49).

As maravilhas são evocadas pelo outro verbo: *glorificar*. «A minha alma glorifica». Glorificar. Com efeito, glorificar significa exaltar uma realidade pela sua grandeza, pela sua beleza... Maria exalta a grandeza do Senhor, louva-o dizendo que Ele é verdadeiramente grande. Na vida é importante procurar grandes coisas, caso contrário perdemos-nos atrás de tantas pequenas coisas. Maria mostra-nos que, se quisermos que a nossa vida seja feliz, temos que colocar Deus em primeiro lugar, porque só Ele é grande. Quantas vezes, ao contrário, vivemos no encaço de coisas de pouca importância: preconceitos, rancores, rivalidades, invejas, ilusões, bens materiais supérfluos... Como sabemos, há muita mesquinhez na vida! Hoje Maria convida-nos a *eleva o olhar* para as «maravilhas» que o Senhor realizou nela. Também em nós, em cada um de nós, o Senhor realiza muitas maravilhas. Devemos reconhecê-las e alegrar-nos, glorificar a Deus por estas grandes coisas.

São as «maravilhas» que celebramos hoje. Maria é assumida no céu: pequena e humilde, é a primeira que recebe a glória mais excelsa. Ela, que é uma criatura humana, uma de nós, alcança a eternidade de alma e corpo. E ali espera por nós, tal como uma mãe aguarda que os filhos voltem para casa. Com efeito, o povo de Deus invoca-a como a «porta do Céu». Estamos a caminho, peregrinos rumo à casa celestial. Hoje olhamos para Maria e vemos a meta. Vemos que uma criatura foi assumida na glória de Jesus Cristo ressuscitado, e que a criatura só podia ser Ela, a Mãe do Redentor. Vemos que no Paraíso, juntamente com Cristo, o Novo Adão, está também Ela, Maria, a nova Eva, e isto dá-nos conforto e esperança na nossa peregrinação terrena.

A festividade da Assunção de Maria é uma exortação a todos nós, especialmente àqueles que estão aflitos por dúvidas e tristezas, e vivem cabisbaixos, não conseguem erguer os olhos. Olhemos para ci-



Geertgen tot Sint Jans, «A glorificação de Maria» (1480)

ma, o céu está aberto; não incute medo, já não está distante, porque no limiar do céu há uma mãe à nossa espera, é a nossa mãe. Ela ama-nos, sorri para nós e socorre-nos com esmero. Como todas as mães, Ela quer o melhor para os seus filhos e diz-nos: «Vós sois preciosos aos olhos de Deus; não sois feitos para as pequenas satisfações do mundo, mas para as grandes alegrias do céu». Sim, porque Deus é alegria, não tédio. Deus é alegria! Deixemo-nos levar pela mão de Nossa Senhora. Cada vez que pegamos no Rosário e rezamos a Ela, damos um passo em frente rumo à grande meta da vida.

Deixemo-nos atrair pela verdadeira beleza, não nos deixemos absorver pelas pequenas coisas da vida, mas escolhamos a grandeza do céu. A Santíssima Virgem, Porta do Céu, nos ajude a olhar com confiança e alegria todos os dias para lá, onde se encontra a nossa verdadeira casa, onde Ela, como mãe, está à nossa espera.

No final, o Papa manifestou a sua proximidade às populações do sul da Ásia, atingidas pelas chuvas das monções e saudou os peregrinos polacos reunidos em Czestochowa para celebrar a Assunção e recordar o centenário do restabelecimento das relações diplomáticas com a Santa Sé. Depois, pediu aos presentes que acompanhassem com a oração a bênção dos Rosários para a Síria.

Caros irmãos e irmãs!

Exprimo a minha proximidade às populações de vários países do sul da Ásia, duramente atingidos pelas chuvas das monções. Rezo pelas vítimas e pelos deslocados, por todas as famílias desabrigadas. Que o Senhor conceda força a eles e a todos os que os socorrem.

Hoje em Czestochowa, na Polónia, muitos peregrinos estão reunidos para celebrar a Assunção da Virgem e para recordar o centenário do restabelecimento das relações diplomáticas entre a Santa Sé e a Polónia. Dirijo a minha saudação a quantos estão reunidos aos pés da Nossa Senhora Negra e exorto-os a rezar por toda a Igreja. E saúdo também os polacos aqui presentes!

Dirijo uma cordial saudação a vós, peregrinos da Itália e de vários países. Saúdo em particular a Família Missionária *Donum Dei*, a *Unión Seglar de San Antonio Maria Claret*, o grupo venezuelano de *«Festeros de San Vicente»*, que veio de bicicleta de Valência, e os jovens de Novoli, que estão a fazer uma experiência de acampamento escolar.

E agora peço-vos que acompanheis com a oração este gesto: benzeri um grande número de Rosários destinados aos irmãos da Síria. Por iniciativa da Associação «Ajuda à Igreja que Sofre», as Irmãs Carmelitas de Belém realizaram cerca de seis mil Rosários. Hoje, nesta grande festa de Maria, eu benzo-os e depois serão distribuídos às comunidades católicas da Síria como sinal da minha proximidade, especialmente às famílias que perderam alguém por causa da guerra. A oração feita com fé é poderosa! Continuemos a rezar o terço pela paz no Médio Oriente e no mundo inteiro.

Concederei a bênção, mas primeiro recitemos a Ave-Maria.

Recita a Ave-Maria.

Bênção.

E desejo a todos vós uma feliz festividade da Assunção. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

Consola o meu povo



Antes do Angelus, por volta das 11h15, o Papa Francisco recebeu na residência Santa Marta uma delegação da pontifícia Fundação «Ajuda à Igreja que sofre» (Ais)